

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

KAROLINA FERREIRA BICALHO

**A MORTE NA INFÂNCIA E A MORTE DA INFÂNCIA EM CONTOS DE
MIA COUTO**

PONTA GROSSA

2022

KAROLINA FERREIRA BICALHO

**A MORTE NA INFÂNCIA E A MORTE DA INFÂNCIA EM CONTOS DE
MIA COUTO**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Linha de Pesquisa em Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eunice de Moraes.

PONTA GROSSA

2022

B583 Bicalho, Karolina Ferreira
A morte na infância e a morte da infância em contos de Mia Couto / Karolina
Ferreira Bicalho. Ponta Grossa, 2023.
87 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração:
Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta
Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Eunice de Moraes.

1. Morte. 2. Literatura infanto-juvenil. 3. Pós-colonial. 4. Exploração infantil.
I. Moraes, Eunice de. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem,
Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 808.3

KAROLINA FERREIRA BICALHO

A MORTE DA INFÂNCIA E A MORTE NA INFÂNCIA EM MIA
COUTO

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de
Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta
Grossa,
Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 10 de novembro de 2022.



Eunice de Moraes - Universidade Estadual de Ponta Grossa



Clóris Porto Torquato - Universidade Federal do Paraná



Fábio Augusto Steyer - Universidade Estadual de Ponta Grossa

Dedico este estudo bem como a titulação de Mestre em Estudos da Linguagem aos meus pais, Maxcimilian Félix Bicalho e Sandra Ferreira de Melo, por terem me apoiado a todo momento e em todos os sentidos possíveis, mas, principalmente, por terem acreditado e confiado no meu potencial quando eu mesma não acreditava e nem confiava. Também dedico a mim, porque não foi fácil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder forças para continuar a pesquisa, pois em vários momentos eu considerei desistir e Ele não permitiu.

Agradeço aos meus pais pelo já mencionado apoio em todas as esferas possíveis de minha vida enquanto estive dedicada a este estudo.

Eu gostaria de agradecer, em especial, à minha orientadora Prof^a. Dr.^a Eunice de Moraes, por não ter desistido da minha pesquisa, quando eu mesma já quase tinha desistido.

Agradeço a todos os professores da graduação e do PPGEL por me permitirem cruzar o caminho de vocês.

Também gostaria de agradecer à uma grande amiga, Vilma Barbato Geremias, por orar por mim, por me dar conselhos tão importantes para a vida e também por me incentivar sempre a continuar o meu estudo.

E, por fim, gostaria de agradecer ao Leandro da Silva Gravonski por tanto e por tudo.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar o conceito de morte na infância e da infância decorrentes do período pós-colonial em Moçambique, temáticas que estão presentes nos contos infanto-juvenis “O dia em que explodiu Mabata-bata”, “A menina do futuro torcido” e o “Rio das quatro luzes”, escritos por Mia Couto. A partir dos acontecimentos que finalizam com a morte de crianças (ou com a infância delas) nas narrativas mencionadas, realizamos a pesquisa dividindo-a em 3 partes: em *Moçambique e os seus percalços* momento em que contextualizamos a chegada dos portugueses em África e o processo de colonização no novo continente descoberto recorrendo às teorias de Bonicci (2009), Capossa (2005), Chichava (2011) e Memmi (2007). A seguir, em *A brutalidade continua...*, direcionamos a pesquisa para a temática da exploração das crianças apresentando pesquisas sobre a disparidade sobre o trabalho infantil em África em comparação ao mundo todo, visto que a exploração infantil ocorre em decorrência da necessidade do trabalho infantil para a ajuda no orçamento familiar ou para fins exploratórios como reflexo da colonização, como observamos nos contos selecionados, e para realizar tal pesquisa, utilizamos Araújo (2017), Barthes (2011), Kovács (1992), Manhice (2016), Matter (2015), Said (2011), Spivak (2010), Torres (1979) e as pesquisas da Organização Internacional do Trabalho – OIT (2020). Por último, em *A morte e a infância em contos de Mia Couto*, foram discutidos os conceitos de morte na infância e na literatura (e possíveis motivos para evitar tal temática) e foram organizados aspectos, através de uma pesquisa comparativa entre os contos selecionados, que caracterizam a morte das crianças nas diegeses como consequência de uma população que vive na era pós-colonial, e Ariès (2012), Aroha (2021), Bhabha (1998), Correa (2011), Guerreiro (2014), Marín-Díaz (2010), Sengik e Ramos (2015), Todorov (2003), Vendruscolo (2005), Winnicott (2019) e Zilberman (1985) foram alguns dos teóricos que ampliaram os nossos horizontes. Por fim, concluímos que o tema da morte na literatura infanto-juvenil simboliza a morte de crianças reais e que esse assunto deve ser amplamente discutido em todas as esferas sociais e com pessoas de todas as idades para conscientizá-las de todos os perigos do mundo, e não devemos deixar que tal temática continue classificada como um tabu reforçado pela sociedade moderna.

Palavras-chave: Morte; Literatura infanto-juvenil; Pós-colonial; Exploração infantil.

ABSTRACT

This work aimed to analyze the concept of death in childhood and of childhood arising from the post-colonial period in Mozambique, themes that are present in the children's short stories "O dia em que explodiu Mabata-bata", "A menina do futuro torcido" and "Rio das quatro luzes", written by Mia Couto. From the events that end with the death of children (or their childhood) in the mentioned narratives, we conducted the research dividing it into 3 parts: in *Mozambique and its mishaps*, we contextualize the arrival of the Portuguese in Africa and the colonization process in the new discovered continent using the theories of Bonicci (2009), Capossa (2005), Chichava (2011) and Memmi (2007). Next, in *The brutality continues...*, we direct the research to the theme of the exploitation of children, presenting research on the disparity in child labor in Africa compared to the whole world, because child exploitation occurs as a result of the need for work children to help with the family budget or for exploratory purposes as a reflection of colonization, as we observed in the selected stories, and to conduct this research, we used Araújo (2017), Barthes (2011), Kovács (1992), Manhice (2016), Matter (2015), Said (2011), Spivak (2010), Torres (1979) and research by the International Labor Organization – ILO (2020). Then, in *The death and the childhood in short stories by Mia Couto*, the concepts of death in childhood and in literature were discussed (and possible reasons to avoid this theme) and aspects were organized, through a comparative research between the selected short stories, that characterize the death of children in diegeses as a consequence of a population living in the post-colonial era, and Ariès (2012), Aroha (2021), Bhabha (1998), Correa (2011), Guerreiro (2014), Marín-Díaz (2010), Sengik and Ramos (2015), Todorov (2003), Vendruscolo (2005), Winnicott (2019) and Zilberman (1985) were some of the theorists who broadened our horizons. Finally, we conclude that the theme of death in children's literature symbolizes the death of real children and this subject should be widely discussed in all social spheres and with people of all ages to make them aware of all the dangers of the world, and we must not let this topic continue to be classified as a taboo reinforced by the modern society.

Keywords: Death; Child literature; Post-colonial; Child Exploitation.

Cumpriu sua sentença e encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca de nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre!

(Ariano Suassuna)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Moçambique no mapa.....	15
Figura 2 – África após a conferência de Berlim	20
Figura 3 – Guerra Civil de Moçambique	62

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – O subalterno e sua voz	24
Quadro 2 – Progresso global contra o trabalho infantil.....	37
Quadro 3 – Ásia, Pacífico, América Latina e Caribe mantêm os seus números estáveis, enquanto África se mantém em ascensão.....	38
Quadro 4 – Quantidade de crianças em trabalho infantil entre 2025 e 2030	39
Quadro 5 – Proporção de crianças em situação de trabalho infantil	40
Quadro 6 – A África possui a maior porcentagem de crianças mais jovens em situação de trabalho infantil, dentre os demais países.....	41
Quadro 7 – Mundialmente, os meninos lideram as porcentagens de trabalho infantil	42
Quadro 8 – Separado por regiões, no trabalho infantil os meninos continuam no topo em relação às meninas	43
Quadro 9 – Porcentagens dos meninos incluindo ou não os serviços domésticos.....	44
Quadro 10 – A exploração infantil nas zonas urbanas e rurais	45
Quadro 11 – A exploração infantil em diferentes ramos.....	46

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 MOÇAMBIQUE E OS SEUS PERCALÇOS.....	14
2.1 Moçambique surge no mapa.....	14
2.2 Moçambique em pedaços	19
2.3 A economia e a população de Moçambique	21
3 E A BRUTALIDADE CONTINUA... ..	27
3.1 A era pós-colonial em Moçambique, por Mia Couto.....	27
3.2 A exploração infantil em Moçambique	35
3.2.1 A exploração infantil por idade	39
3.2.2 A exploração infantil por gênero	42
3.2.3 A exploração infantil incluindo os serviços domésticos.....	43
4 MORTE E A INFÂNCIA EM CONTOS DE MIA COUTO	48
4.1 A infância em Mia Couto	52
4.2 A morte <u>na</u> infância, por Couto	55
4.2.1 O dia em que explodiu Mabata-Bata.....	55
4.2.2 A menina do futuro torcido	65
4.3 A morte <u>da</u> infância, por Couto	72
4.3.1 O rio das quatro luzes	72
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	84

1 INTRODUÇÃO

Motivada pelo apreço da literatura infanto-juvenil moçambicana que ainda é pouco explorada nos âmbitos acadêmicos, a proposta deste trabalho tem como alicerce os estudos pós-coloniais e a temática da morte infantil nos estudos literários. Para a concepção teórica, foram utilizados cabedais que classificassem a morte na infância dentro da literatura como complexa e simbólica, porém pertinente para a construção da crítica social, tanto para crianças quanto para adultos leitores.

A morte é algo desconhecido que nos inquieta, fazendo com que questionemos a vida em sua origem e seu fim. Como tema, já inspirou poetas e artistas em suas criações, as quais tocam nossa alma e nos aproxima, de forma delicada, dessa certeza tão temida em nossa existência. (VENDRUSCOLO, 2005, p.26).

Essa delicadeza sobre a temática da morte, a que Vendruscolo menciona, está presente em todos os formatos de arte, seja na pintura, na música, no cinema, na literatura, etc., que discutem o tema e possibilita a construção e desenvolvimento do pensamento crítico de um indivíduo sobre a natureza humana, dentro da esfera social em que ele vive.

Em relação ao objeto da análise, optamos por uma coletânea de contos de 2013 intitulado *A menina sem palavra: histórias de Mia Couto*, obra que reúne 17 contos infanto-juvenis moçambicanos do autor moçambicano Mia Couto. Dentro da coletânea, selecionamos 3 contos com o intuito de analisá-los, comparativamente, considerando o tema da morte infantil, à luz do contexto pós-colonial.

Os três contos selecionados para o estudo são “O dia em que explodiu Mabatabata”, “A menina do futuro torcido” e “O rio das quatro luzes”, cujas premissas levantam questões filosóficas e morais em todos os contos como exploração infantil, supremacia branca, crianças vistas como portadores de grandes responsabilidades (pequenos adultos) e a morte infantil como consequência da pós-colonização.

A morte da infância ou a morte na infância? Trata-se de uma questão pertinente nos dias atuais, uma vez que a refiguração (ou representação literária) da morte de crianças ainda é pouco encontrada nos diferentes formatos de arte, mas, quando a

encontramos em Mia Couto, percebemos que o autor trata do tema como uma morte simbólica, dentro de um país muito desvalorizado e dependente dos seus colonizadores, mesmo já sendo considerado um país independente.

No entanto, para realizar a proposta de análise deste trabalho, optamos por manter a distinção entre o caráter ficcional das narrativas da História, pois entendemos que os contos são fictícios e, portanto, não se trata de uma biografia ou documentário.

Na análise interna das narrativas implica não misturar o que se chama de *ficção*, isto é, a história e o mundo construídos pelo texto e existentes apenas por suas palavras, suas frases, sua organização, etc., e o *referente*, ou seja, o “não-texto”: o mundo real (ou imaginário) e nossas categorias de apreensão do mundo que existem fora da narrativa singular, mas às quais esta se remete. (REUTER, 2002, p.17, grifos do autor).

A partir desta distinção, o trabalho se direciona com metodologia bibliográfica para realizar uma análise comparativa entre os contos, primeiro explicamos o surgimento de Moçambique à vista dos europeus, de acordo com o pesquisador Carlos Leite Ribeiro (2009), que ocorreu através da exploração marítima portuguesa, quando Vasco da Gama atracou em terras desconhecidas da África Oriental, indo em direção à Índia.

A partir deste tópico contextualizado, utilizamos explicações de Bhabha (1998), Bonicci (2009) e Said (2011) sobre a teoria dos estudos pós-coloniais para explicar como se deu a colonização de Moçambique pelos portugueses e como essa dependência da população moçambicana pelos colonizadores perdura até os dias atuais, mesmo o país já sendo declarado independente.

Em seguida, relacionamos a temática da morte da infância e na infância como consequência do período pós-colonial, utilizando os teóricos da psicologia infantil como Wilma da Costa Torres (1979) e Vendruscolo (2005), para explicar as mortes de crianças moçambicanas dentro e fora das diegeses apresentadas, em decorrência da exploração infantil herdada do colonialismo. Além disso, acrescentamos concepções sobre a infância, segundo Aroha (2021) para dialogar com os tópicos anteriores.

A partir de toda a teoria mencionada acima, apresentamos o autor dos contos selecionados, Mia Couto, e a partir disso, damos início a análise dos contos através da literatura comparada, comparando as narrativas entre si e buscando excertos que

indiquem como o autor se inspira no período pós-colonial e em Moçambique para escrever as suas obras. Após esse conhecimento, discorreremos sobre os contos já citados de maneira separada e comparativamente, de modo a sustentar a nossa teoria citada e comprovar o objetivo deste trabalho: defender a ideia de que a morte da infância e na infância em Moçambique são consequências do período pós-colonial, retratadas na literatura infanto-juvenil moçambicana que refiguram crianças protagonistas dentro de categorias de minoria e subalternas, passíveis de exploração e condenadas ao trabalho infantil.

Além das considerações finais sobre os objetivos aqui propostos, o trabalho termina com a seguinte dúvida: por que a morte infantil ainda é pouco explorada na literatura infanto-juvenil?

2 MOÇAMBIQUE E OS SEUS PERCALÇOS

2.1 Moçambique surge no mapa

Embora algumas pesquisas indiquem que Moçambique existe desde o século V, as literaturas apresentam este país, de forma recorrente, apenas a partir do século XV, quando Vasco da Gama, rumo ao comércio da Índia, atracou o seu navio em nas terras até então desconhecidas, por eles, da África Oriental, no final do ano de 1498, como menciona Ribeiro em sua obra ao descrever o trajeto de Vasco da Gama pela África.

A manobra de Vasco da Gama, além de surpreendente, inquietara sem dúvida as tripulações. Com efeito, desde a largada das ilhas de Cabo Verde, a 3 de Agosto, haviam decorrido três meses sem avistarem terra, um recorde para a época. [...] e, por fim, a 4 de Novembro, distinguia-se a costa oriental de África. Quatro dias mais tarde, a armada lançava ferro nas águas abrigadas da baía de Santa Helena, cerca de 125 milhas a Norte do cabo da Boa Esperança. (RIBEIRO, 2009, s/p.).

Durante essa viagem, Vasco da Gama enfrentou várias barreiras sendo a enfermidade e a linguagem, as principais. Após essa descoberta, Vasco da Gama precisava seguir para a Índia, mas os ventos fizeram o navio regredir para Moçambique. Esse regresso fez com que houvesse uma guerra na região, pois Gama precisava de mais água potável para os navios e estava sendo impedido pelos nativos, portanto, antes de partirem, os portugueses bombardearam todo o território em que se encontravam.

Antes mesmo de iniciarem a colonização do novo território descoberto, os portugueses já impuseram a sua força como ponto final ao diálogo. Ao trazer o conhecimento vindo da Europa, deram nomes e atribuições aos lugares pelos quais passavam.

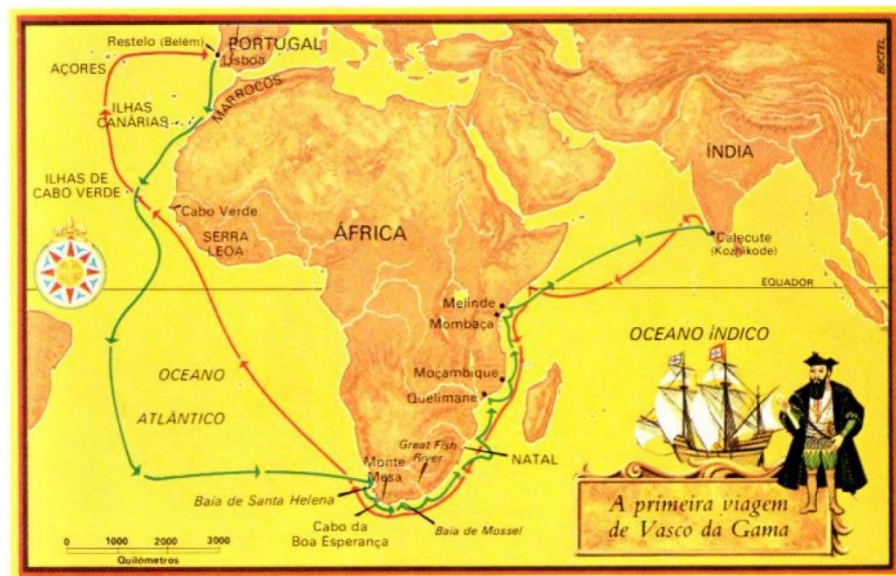
Dessa maneira, todo esse conhecimento e saber vindo da Europa era passado aos futuros colonizados através do seu discurso e, quando não eram escutados, os portugueses usavam o seu poder de força para impor aquele o saber europeu.

As “verdades” das ciências derivam do discurso ou da linguagem. O saber não é o efeito do acesso das ciências para o mundo real ou para a realidade autêntica, mas das regras de seu próprio discurso. Segue-se que o saber das ciências humanas é construído porque as pessoas foram persuadidas a aceita-

lo como tal. É saber porque o discurso é tão poderoso que nos faz acreditar que seja saber. O saber, portanto, é produzido pelo poder. (BONICCI, 2009, p. 224).

Após a conclusão dessa viagem e a consagração de Vasco da Gama como herói em Portugal, Moçambique surge no mapa com nomes que o próprio navegador havia batizado.

Figura 1 – Moçambique no mapa



Fonte: RIBEIRO, 2009.

Com a “descoberta” do continente africano, os portugueses se consideraram dominadores da nova terra, visto que estabeleceram muitas colônias por lá. Assim, anos depois, Moçambique se tornou objeto para ser partilhado, aos olhos de Portugal. Dessa maneira, de acordo com o sacerdote moçambicano Capossa (2005),

o desejo de abrir os horizontes comerciais levou muitos povos desse continente a sair em conquista de novas terras para fazer comércio e acumular riquezas. [...] Na verdade, a Europa estava a braços com uma grande fome de ouro para satisfazer as suas compras de especiarias à Ásia. Portanto, se as especiarias vinham da Ásia, o ouro provinha da África. Inicia, deste modo, todo o processo de exploração e de colonização dos povos africanos. (CAPOSSA, 2005, p.12).

Através dos discursos de paz e boa relação com o novo continente ainda em fase de descoberta, os portugueses com sede de poder e vontade de acumular matéria-prima

para se tornarem os mais poderosos da Revolução Industrial, iniciaram a exploração colonizadora e o tráfico de nativos com a finalidade escravagista.

Ainda de acordo com Capossa, em pouco tempo

os estrangeiros tornaram-se senhores, donos das riquezas em terras estrangeiras, e donos da terra “estrangeiros”, servos, escravos! Houve resistência, mas a tecnologia bélica dos invasores não permitiu, pois os exploradores tinham armas de fogo e os explorados não. (CAPOSSA, 2005, p.12).

O fato de Portugal possuir grandes tecnologias com o armamento em comparação aos africanos, foi o fator que deu início à exploração de pessoas dentro e fora do país descoberto. Pois além de explorar a terra descoberta, os portugueses também levavam os explorados para Portugal com a finalidade de trabalhar sem remuneração e alavancar o avanço do país com mão de obra escrava.

Essa busca por mão de obra escrava e fontes de matéria-prima para utilizar no auge da Revolução Industrial fez com que os portugueses dominassem todo o novo continente, criando a colônia portuguesa que, de acordo com Bonicci:

consistia num grupo de emigrantes que colonizaram uma região, longe de seu país de origem, e estabeleceram um “estado” relativamente autônomo, ligado apenas à metrópole por laços religiosos. Na Modernidade o termo colônia foi adotado pelos escritores europeus para descrever as terras recém-descobertas e invadidas nos séculos 15-18. (BONICCI, 2005, p. 21).

E juntamente com sua força armada, os colonizadores humilharam e desrespeitaram todos que ali moravam, fazendo-os de escravos dentro de sua própria terra.

No caso concreto de Moçambique como colônia, tinha de assumir o papel de:

- produzir matérias-primas baratas para a indústria portuguesa (exemplo: algodão, açúcar, etc.);
- ganhar divisas para a metrópole, através da exportação de mão-de-obra, dos saldos dos serviços de transportes de mercadorias em trânsito, da venda de matérias-primas no mercado mundial – caju, etc.;
- fornecer um mercado seguro para os produtos industriais de Portugal, e permitir ao mesmo tempo a migração de portugueses para as colônias. (CHICHAVA, 2011, p. 9).

Esse ato ocorreu em decorrência da supremacia branca, uma vez que os europeus entendiam que eles, brancos, eram os senhores por “descobrir” e “dominar” um povo de cor negra e sem leis, religião e civilidade, de acordo com eles mesmos.

Entre o colonizador e o colonizado havia o fator *raça*, que construía um relacionamento injusto e desigual. Os termos *raça*, *racismo* e *preconceito racial* são oriundos da posição hegemônica europeia. Esse tópico transformou-se numa justificativa para introduzir o regime escravocrata a partir de meados do século XVI, quando se formou a ideia de um mundo colonial habitado por gente “naturalmente” inferior, programada pela natureza para trabalhar braçalmente e servir ao homem europeu branco. (BONICCI, 2009, p. 228, grifos do autor).

Bonicci afirma que os europeus entendiam que os negros “nasceram” para serem mandados e que possuíam facilidade com a dureza dos serviços pesados e com a pressão do trabalho, sendo, portanto, um excelente “objeto” humano para realizar um serviço pelo qual os brancos europeus seriam glorificados no futuro.

Com essas afirmações, recorreremos às narrativas a serem analisadas nesse trabalho, para comprovar como o pensamento dos europeus sobre a objetificação e opressão dos colonizados (dos inferiores e também das crianças) faz parte da cultura de Moçambique, ainda nos dias atuais.

Vemos, por exemplo, que no primeiro conto em análise, “O dia em que explodiu Mabata-bata”, ao ver a explosão do boi, o menino Azarias, pastor dos bois, resolve fugir por não conseguir provar que o boi morreu sozinho e, por isso, correr o risco de acabar apanhando do tio. E ele não estava errado, pois ao ir atrás da criança, o tio Raul já imagina como iria castigar a criança:

- *Apareça lá, não tenhas medo. Não vou-te bater, juro.*

Jurava mentiras. Não ia bater: ia matar-lhe de porrada quando acabasse de juntar os bois. (COUTO, 2013, p. 14).

Enquanto a criança tinha serventia para ele realizando os trabalhos, o tio mentia para não perder o pastor, mas assim que o menino concluísse o seu “trabalho”, Raul iria castigá-lo como forma de demonstrar a sua autoridade sobre um oprimido.

Quanto ao segundo conto, “A menina do futuro torcido”, o empresário se refere aos moçambicanos como “tipos”, também reificando-os ao proferir algumas palavras

para o mecânico Joseldo e sua filha, negando empresariar a menina e ajudar financeiramente a família:

- A única coisa que me interessa agora são esses tipos com dentes de aço. Uma dessas dentaduras que vocês às vezes têm, capazes de roer madeira e mastigar pregos. (COUTO, 2013, p. 111).

O empresário não esconde que tem interesse em apenas alguns moçambicanos, desde que esses tenham as habilidades que ele procura, pois são essas as características que vão “diferenciar” e trazer mais lucro para o empresário para realizar apresentações, expondo o indivíduo com tais “habilidades” como um ser exótico, diferente das pessoas comuns por se tratar de um humano negro que age como um animal.

Por fim, no terceiro conto, “O rio das quatro luzes”, no início do conto há o menino protagonista que não possui nome, conversando com o seu avô. Diferente dos demais contos analisados, neste ele tenta entender como faz para morrer e justifica essa sua vontade apresentando as dificuldades enfrentadas com a sociedade, principalmente devido a sua aparência:

*- Precisa mais: precisa ficar no escuro na escuridão.
- Mas eu sou tinto e retinto. Pretinho como sou, até de noite me indistinto do pirilampo avariado. (COUTO, 2013, p. 130).*

Nesta passagem o menino argumenta que ele já é preto e, com esse pensamento, acredita que já pode morrer pois “é só ficar no escuro”. Esse discurso faz referência à invisibilidade dos pretos na sociedade moderna, pois essa associação do preto e do escuro dão um sentido negativo nesse contexto, já incitando a morte, a solidão, o nada.

Esses excertos comprovam que a cultura opressora do colonizador, ainda perpassa os tempos e as idades chegando até as crianças que, sem o seu poder de fala, não conseguem se defender dessa espécie de ditadura branca contra a sociedade moçambicana.

Infelizmente, somos obrigados a constatar que, na maioria das vezes, nesses novos tempos tão ardorosamente desejados, por vezes conquistados ao preço de terríveis provações, reinam ainda a miséria e a corrupção, a violência, se não o caos. (MEMMI, 2007, p.17)

Albert Memmi (2007) comenta sobre como a chegada dos portugueses até podia ter sido considerada uma esperança, talvez financeira para os nativos, mas que conforme a situação foi tomando proporção, as consequências não eram boas para a população local, como eles imaginavam.

A partir dessa configuração da mentalidade opressora que observamos nos contos atuais, voltamos um pouco para a História e, constatamos que em 1980 a Europa (mais especificamente Inglaterra, França e Portugal) inicia o processo de repartição da África, para definir quais de seus países ficariam com as terras e a população africana para realizar a exploração de ambos. É difícil não associar a produção das narrativas como resistência e denúncia em relação ao movimento histórico que se desencadeava naquele momento.

2.2 Moçambique em pedaços

Ao ansiar em ter a África só sob o seu domínio, Portugal criou conflito com os demais países europeus que resolveram se reunir para discutir sobre o destino da nova terra descoberta.

Para tanto, de acordo com o doutor em economia José Chichava (2011), em 1980, o Lorde Salisbury resolveu estabelecer fronteiras definitivas para Moçambique e Angola, pois o governo britânico acreditava que o território africano deveria ser ocupado pelo império que tivesse mais de sua população naquele país e não por aqueles que descobriram as terras primeiro.

Por este motivo, foi realizada a Conferência de Berlim no final do século XIX (entre 1884 e 1885) com a finalidade de discutir sobre essas disputas dos países europeus sobre um país alheio que não pertencia à Europa. E foi por isso que, segundo Chichava (2011), essa Conferência

acabou sendo uma aberração irracional que serviu para as potências europeias roubarem, à força, as terras, riquezas e direitos dos Africanos. Desta Conferência as fronteiras dos territórios Africanos foram definidas numa mesa de negociações obedecendo à vontade dos diplomatas intervenientes, sem um conhecimento real do terreno em discussão. Esta foi a face do Colonialismo (CHICHAVA, 2011, p. 1).

Com o propósito de discutir sobre as marcações territoriais da África, essa Conferência foi realizada somente com base no que os portugueses haviam visto durante a sua passagem pelo continente. Além disso, dentre os quinze países presentes para a discussão, o continente que de fato era a pauta, a África, não teve nenhum representante, então tudo foi decidido sem o conhecimento dos reais moradores de lá, reforçando a imagem opressora que os europeus possuíam. Após a Conferência, o país ficou dividido em colônias comandados por toda a Europa, conforme a imagem a seguir:

Figura 2 – África após a Conferência de Berlim



Mapa 1: Antes da Conferência de Berlim.

Mapa 2: Depois da Conferência de Berlim.

Fonte: Tamandaré G12, 2005.

Em meio a Revolução Industrial, a Conferência de Berlim determinou que a Europa seria “dona” da África e cada um de seus membros teria a vantagem de possuir terras produtivas em outro continente e pessoas “disponíveis” para o trabalho pesado que toda essa evolução exigia tanto em matéria-prima quanto mão de obra.

Dessa forma, a repartição da África, à maneira europeia, só serviu para mostrar a prepotência da supremacia branca, já que o único motivo para esse ato eram os seus interesses tecnológicos e financeiros.

Essa repartição também deu margem para o pensamento de que quem possui sabedoria, também possui poder. Através dessa ideologia, Bonicci (2009) afirma que “o conhecimento e o saber dão direito às terras prometidas supostamente de ‘ninguém’, à

divisão do mundo, ao heroísmo dos exploradores, à diversidade cultural, à alteridade, ao racismo” (BONICCI, 2009, p. 224, grifos do autor). Portanto, a partir desse momento da história da África, temos então o europeu superior e o colonizado africano inferior e subalterno.

Por esse motivo, a África se tornou o local ideal para exploração, trabalho escravo e contrabando de pessoas com finalidade escravagista não só para a Europa, mas para a América também, visto que além das colônias, ainda havia locais não colonizados. Esses locais passaram a ser considerados como de alta lucratividade, já que “até 1890 o Norte de Moçambique era desconhecido para os portugueses. Por volta dos anos 1900, largas áreas de Moçambique eram controladas por Companhias Estrangeiras” (CHICHAVA, 2011, p. 2).

Não demorou muito para que Moçambique e as outras colônias passassem a ser administradas de forma centralizada pela Monarquia Portuguesa, fazendo com que Portugal tivesse o controle total de toda essa região. Dessa maneira, com a extração dos bens que a terra moçambicana continha, Portugal tentava manter uma boa estrutura econômica em seu país e também tentava manter as suas colônias minimamente estruturadas para que houvesse boa mão de obra.

2.3 A economia e população de Moçambique

Em 1910, em regime democrático, os portugueses optaram por conceder um pouco de autonomia às suas colônias africanas, o que provocou um enorme prejuízo aos cofres de Portugal, fazendo o governo retomar todo o controle e poder social e econômico de Moçambique e suas outras colônias novamente.

Com a República que destronou o Rei em 1910, Portugal prometeu uma maior autonomia às Colônias, e o período dos Republicanos foi, de facto, um dos períodos de uma administração mais descentralizada, até o desastre económico que, nos últimos 10 anos do regime, obrigou o governo a recuar para um controlo cerrado e rígido a partir de Lisboa – mudanças estas que foram assumidas e reforçadas pelo Estado Novo, depois de 1930. (CHICHAVA, 2011, p.4).

O Estado Novo que Chichava menciona também ficou conhecido como Salazarismo, já que em 1933, Antônio de Oliveira Salazar se tornou o chefe de estado, em regime de formato ditatorial, sob o discurso conservador de “Deus, pátria, família”.

Durante esse período, por conta de outra grave crise econômica, Portugal retirou novamente a pouca autonomia que havia concedido às suas colônias africanas para que elas enviassem exatamente tudo o que produzisse e escavasse direto para Portugal, para tentar reestabelecer a sua economia e voltar a ser uma grande potência mundial.

Em consequência desta política do chamado Estado Novo, e no caso concreto de Moçambique, Portugal precisava de alterar, à seu favor, o domínio do capital estrangeiro. Portugal precisava de desenvolver a sua indústria têxtil e, conseqüentemente, era preciso garantir um crescente fornecimento de algodão barato a fim de se poder situar o país numa posição competitiva no mercado mundial. (CHICHAVA, 2011, p.5).

Principalmente depois desse recuo da autonomia moçambicana e crise econômica em Portugal, o número de moçambicanos (sendo homens, mulheres e crianças) trabalhando totalmente de graça para o governo foi muito grande, pois foi a solução “coerente” que Portugal encontrou para tirar a sua própria população da crise e voltar a se equiparar aos demais países europeus, economicamente. Assim,

o aparelho repressivo do Estado tornou-se, portanto, o instrumento para instituir um sistema de acumulação de capital assente na extracção da mais-valia absoluta: quer directamente, através da venda forçada da força de trabalho, quer indirectamente, através do cultivo forçado de culturas de rendimento. Nesse contexto, é de destacar a **circular de 1 de Maio de 1947** que obrigava todos os indígenas a trabalhar seis meses por ano para o Governo, para uma companhia ou para um particular. (CHICHAVA, 2011, p. 6, grifos do autor).

Contudo, somente os nativos é quem deviam se submeter a esse tipo de serviço, pois os portugueses emigrados na África eram burgueses e senhores, portanto, deveriam ser servidos pela população africana, além de ajudar gratuitamente na administração de qualquer companhia portuguesa, caso fosse necessário.

Além da crise econômica, Portugal enfrentava um outro problema que sustentava a sua crise: a superpopulação. Pessoas de todo o globo imigravam para Portugal com a alta demanda das indústrias à vapor, além da aparente grandeza de recursos tecnológicos que o país possuía. E, por isso, de acordo com Chichava (2011),

houve um empenho activo do regime para:

- a) evitar que o fluxo de emigração não fosse para as colónias; isto, com o propósito de manter os colonos dentro da jurisdição de Portugal, contribuindo para o rendimento nacional e disponíveis para o serviço militar;
- b) fortalecer a base de apoio do regime transformando a força revolucionária em potência, campesinato proletarizado, numa pequena burguesia colonial e/ou aristocracia operária;
- c) adoptar uma política de incorporação das colónias como províncias ultramarinas de Portugal, negando assim, formalmente, à existência de uma questão colonial (CHICHAVA, 2011, p. 6-7).

Assim, por mais que as demais pessoas viessem de outros países, somente os colonizados é que tinham o “direito” de trabalhar para o governo de forma escravizada e/ou gratuita.

Assim, além dos escravizados em Portugal e os vendidos para outros países para realizar os seus serviços árduos e sem custos, os moçambicanos dentro do seu próprio país também não tinham voz. Por isso era considerada uma população emudecida como teoriza Spivak (2010) sobre a população subalterna. Eles tampouco tinham autonomia para viver e trabalhar para arrecadar recursos para si próprios, pois eles deviam prestar serviços à Portugal, mesmo estando em seu país natal.

E a exploração de Moçambique não parou por aqui, pois, para envolver e realizar todo esse árduo trabalho a fim de colocar um país todo para funcionar novamente, foram necessárias mãos inocentes, mãos que realizavam um serviço de forma inconsciente, mãos que serão analisadas nesta pesquisa, mais à frente.

A partir deste contexto, entendemos que surgiram os subalternos colonizados e que eram quase todos os negros que estavam à mercê dos colonizadores portugueses (exceto os pouquíssimos que participavam da elite moçambicana) aqueles que eram marginalizados, explorados e oprimidos dentro do seu próprio país, conforme teoriza Bonicci (2009):

As classes subalternas podem ser compostas por colonizados, trabalhadores rurais, operários e outros grupos aos quais o acesso ao poder é vedado. [...] O colonizado quase não possuía meios para se apresentar e tampouco tinha acesso à cultura e à organização social (BONICCI, 2009, p. 230).

A educação e cultura moçambicanas ficaram à sombra do modo português (e europeu) de viver. Assim, passa a ser considerado subalterno aquele que não possui

influência própria que não seja a do colonizador (SPIVAK, 2010) e, de acordo com as considerações de Bonicci (2009) há o subalterno, a pessoa inferiorizada e dominada por pessoas superiores e há as que são duplamente subalternas, que são as mulheres, pois elas não possuem voz própria dentro do contexto pós-colonial por serem consideradas a minoria, como segue a explicação no quadro a seguir:

Quadro 1 – O subalterno e sua voz.

1. <i>Subalterno</i> : literalmente significando “sujeito de categoria inferior”, o termo foi criado por Gramsci; trata-se de qualquer sujeito sob a hegemonia das classes dominantes.
2. Em termos pós-coloniais, <i>os estudos subalternos</i> se referem à análise da subordinação na sociedade devido à classe, casta, idade, gênero, profissão, religião e outros.
3. O fator mais constante nos estudos subalternos são os métodos de <i>resistência</i> adotados contra o colonizador ou a elite dominadora.
4. <i>Pode o subalterno falar?</i> É a pergunta mais importante.
5. Em sociedades pós-coloniais, <i>a mulher</i> é duplamente subalterna: ela é o objeto da historiografia colonialista e da construção do gênero.
6. <i>O discurso pós-colonial e a apropriação da linguagem</i> pelo subalterno constituem métodos para que a voz marginalizada possa ser ouvida.

Fonte: Bonicci, 2009.

Pensando sobre as vozes das crianças silenciadas nos contos pesquisados, incluímos a ideia de Regina Zilberman sobre a literatura-infantil, pois ela acredita que esse gênero literário direciona o seu conteúdo para crianças e as suas brincadeiras apenas, não levando em consideração a realidade triste de muitas crianças.

A literatura para jovens suscita efetivamente um consumidor especial e não pode sobreviver sem ele, cabendo-lhe, em princípio, adequar-se às suas preferências e necessidades. Sofre, por conseguinte, prejuízos muito grandes, já que, como a sociedade concebe a criança como uma criatura diminuída e

dependente, a produção dirigida a ela encapa seus atributos – a menoridade e a inferioridade. Por esta razão, o gênero vê recusada sua incorporação ao panteão das grandes realizações literárias. (ZILBERMAN, 1958, p.99)

Zilberman menciona sobre esse gênero literário sofrer por não conseguir expor as reais condições das crianças de determinados lugares e, por isso, ficam de fora das grandes produções conhecidas mundialmente.

Recorrendo novamente aos contos de Couto, compreendemos através da tabela acima que as crianças são subalternas por se tratarem de seres subordinados e que não possuem autorização para a fala, visto que a voz das crianças é sempre negada pelos “senhores” que encontramos nas narrativas, assim como Bonicci e Spivak afirmam em suas teorias sobre os subalternos.

No conto de Azarias, todos os sentimentos e escolhas que o menino pretendia fazer por medo do seu tio, chegam até o conhecimento do leitor porque há um narrador onisciente apresentando os detalhes, pois em nenhum momento a criança verbaliza tais dores.

Por isso, olhou sem pena para o campo que ia deixar. Calculou o dentro do seu saco: uma figa, frutos do djambalau, um canivete enferrujado. Tão pouco não pode deixar saudade. (COUTO, 2013, p. 13)

Apenas no final do conto, e ainda em poucas frases, é que Azarias negocia a sua vontade de estudar para o tio, que mente ao menino para saber o seu esconderijo.

No segundo conto, o pai Joseldo tem tanto desejo de sair da pobreza e viver em uma vida mais afortunada, que em nenhum momento dá ouvidos à filha. Sempre que ele a escuta, logo a repreende:

Filomena piorava. Quase não andava. Começou a sofrer de vômitos. Parecia que queria deitar o corpo pela boca. O pai avisou-lhe que deixasse essas fraquezas. (COUTO, 2013, p. 109).

Todas as tentativas da menina de queixar-se das dores que a prática contorcionista estava lhe causando eram interrompidas pelo pai, que a julgava de não querer a riqueza o suficiente, visto que estava só reclamando. Dessa maneira, a menina permanece em silêncio quase que toda a narrativa.

No terceiro conto, nos parece que o menino sem nome tem mais oportunidades de fala, uma vez que ele verbaliza o seu desejo de morrer e o motivo para esse desejo, dizendo a sua vontade aos seus pais que logo o repreende e o menino é obrigado a ficar em silêncio.

- Não diga disso, Deus lhe castiga.
E a conversa não teve mais diálogo. Fechou-se sob ameaça de punição divina.
(COUTO, 2013, p. 130).

Diferente dos outros dois contos, neste o menino sem nome consegue falar mais vezes que as demais crianças, e além de conversar com os seus pais sobre o seu desejo, ainda tem bastante liberdade para conversar com o seu avô que sempre o ouve e suplica por melhores explicações do menino.

Contudo, não é só a oportunidade de fala que é tirada das crianças apresentadas nos contos analisados. A infância também lhes é negada, uma vez que as crianças fictícias, assim como muitas da realidade, precisam trabalhar arduamente para se manter em uma família, com poucos momentos de brincadeiras e travessuras.

3 E A BRUTALIDADE CONTINUA...

3.1 A era pós-colonial em Moçambique, por Mia Couto

Antônio Emílio Leite Couto escreveu várias obras sob o seu pseudônimo Mia Couto. Escritor, poeta e jornalista, nasceu em Moçambique e é filho de emigrante português, Fernando Couto que também era jornalista e poeta bastante influente em seu círculo intelectual.

As publicações de Mia Couto trazendo histórias centralizadas em Moçambique se tornaram um marco no último século, uma vez que literaturas moçambicanas ainda não eram conhecidas por outros países, afinal, tudo o que era lido da África, se tratava de escritas realizadas pelo colonizador.

Praticamente até meados do século XX, contexto dos países novos fabricados pelo colonialismo, não existia uma literatura nacional na África e na Ásia, e a literatura produzida nesses continentes seguia padrões eurocêntricos, já que foi escrita por viajantes, missionários, mulheres de administradores coloniais e soldados intimamente ligados à metrópole colonizadora (BONICCI, 2009, p. 226-227).

Por esse motivo, de acordo com o escritor e historiador Viegas Fernandes da Costa (2015), é que há pouco mais de duas décadas somente que a literatura africana está presente no Brasil, visto que ela começou a aumentar aqui no país a partir dos anos 1990 com a publicação de *Terra Sonâmbula* de Mia Couto e desde então é que a literatura pós-colonial africana começa a vir para o Brasil com mais força. Dessa maneira,

além do aumento, uma significativa ampliação das redes de tradução e importação de obras africanas tem possibilitado, no Brasil, o contato com textos em prosa e em verso de autoras e autores daquele continente. Esse movimento recente pode ser considerado uma tendência da produção literária infantil neste país, por evidenciar uma aproximação escrita antes pouco comum entre as culturas africanas e afro-brasileiras (ARAUJO, p. 110-111, 2019).

Através desse contato com a literatura africana, encontramos as produções de Mia Couto que são inspiradas no território moçambicano, região que sofreu bastante com o imperialismo português e ainda sofre consequências da época colonial marcada por

rastros, como minas explosivas deixadas por esse império e guerras travadas com tanta intensidade e brutalidade com essa população. Assim, “o legado do imperialismo foi construir as estruturas científicas sobre crenças existentes e herdadas, com a finalidade de indicar e consolidar os supostos donos do mundo” (BONICCI, 2009, p. 224).

Ao escrever suas narrativas ficcionais, em especial as selecionadas para a análise nesta pesquisa, Couto expõe situações que fogem do contexto ficcional, como a exploração e a morte infantil. Afinal, segundo Memmi (2007):

os escritores dispõem de um recurso maravilhoso, o imaginário, que lhes permite fingir. Atribuem a personagens fictícios o que eles próprios sentem e pensam. Cinquenta romances do mesmo período colocados um ao lado do outro são mais ricos em revelações do que toneladas de papel jornal impresso sob uma ditadura. [...] O escritor é um fabulador, mas frequentemente também, à sua própria revelia, um denunciador. (MEMMI, 2007, p.56-57)

E de acordo com a OIT – IPEC (2020), mais de 160 milhões de crianças se encontram em situação de trabalho e exploração infantil e 79 milhões de crianças sob as mesmas condições no trabalho braçal pesado, acontecimentos que presenciamos ao ler os contos aqui estudados.

Esses números são consequências do período imperial que durou anos em Moçambique, já que Portugal e a sua sede de poder transformou poucas pessoas em ricos e quase toda a população moçambicana em dependentes econômicos e culturais da Europa.

Tudo na história humana tem suas raízes na terra, o que significa que devemos pensar sobre a habitação, mas significa também que as pessoas pensaram em ter mais territórios, e portanto precisaram fazer algo em relação aos habitantes nativos. Num nível muito básico, o imperialismo significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros. Por inúmeras razões, elas atraem algumas pessoas e muitas vezes trazem uma miséria indescritível para outras. (SAID, 2011, p.27).

Além de impor poder, Portugal também impôs a língua portuguesa em Moçambique como a língua oficial do país, a qual permanece até hoje, além de outros países como Angola, Cabo Verde e Guiné Bissau, por exemplo.

As produções escritas tanto nas escolas quanto as literárias também ocorrem em língua portuguesa, silenciando quase que totalmente a primeira língua dos

moçambicanos. Porém, vemos que as tentativas de mostrar parte da língua e cultura moçambicana são várias, como nas passagens nos contos de Mia Couto em que ele insere termos moçambicanos mesclado à língua portuguesa ou apresenta aos leitores folclores e crenças de Moçambique, como a lenda da ave-relâmpago, Ndlati.

Antes, o descolonizado escrevia na língua do colonizador. Denunciando, diretamente ou de maneira velada, a colonização, sua injustiça fundamental, suas pequenas misérias cotidianas, a presença opressora e humilhante da polícia e do Exército estrangeiros, a exploração econômica, as frustrações políticas e a asfixia cultural, ele contribuía, com seu trabalho, para a revolta dos seus. Ao expressar-se na língua dos dominantes, só era ouvido, é verdade, por eles; mas podia, pelo menos, agir, afetando a opinião pública deles. (MEMMI, 2007, p.57)

O poder do colonizador português dentro de Moçambique ocorria de várias formas e possuía em seu discurso imperialista o objetivo de “ajudar” os moçambicanos a se tornarem civilizados e melhor vistos ao redor do mundo já que Moçambique tinha uma grande potência europeia “colonizando” e apresentando os costumes europeus ao país. E a língua portuguesa sendo falada como língua “materna” daquela população era uma ótima forma de apresentar essa civilização do país ao restante do mundo.

Assim, como mencionado anteriormente, os contos selecionados para a presente pesquisa estão escritos em língua portuguesa, mas, diferente das escritas dos colonizadores, Couto procura conscientizar o seu leitor sobre a agressão realizada a uma outra minoria que precisamos ampliar ainda mais nos estudos acadêmicos: as crianças.

Discursar sobre a exploração infantil em forma de literatura é uma maneira de expressar a dor e as consequências que o imperialismo e o colonialismo português deixaram naquela região, e Couto discursa sobre o assunto realizando uma mesclagem de frases em língua portuguesa com termos moçambicanos em suas narrativas.

Os colonizados podiam subverter a língua colonial num código linguístico próprio, ou seja um inglês pidgin, um francês crioulo, um português brasileiro ou africano. Através desse novo poder, os colonizados descobriram uma voz pela qual podiam falar e ser entendidos. (BONICCI, 2005, p. 12).

Mesmo Mia Couto não sendo um moçambicano colonizado, entendemos que a sua preocupação com a língua escrita nos contos aqui analisados era a de alcançar o

maior número de leitores e apresentar a violência praticada com as crianças em formato de ficção.

Portanto, compreendemos que os discursos tanto do colonizador quanto do colonizado podem se tornar poderosos, de acordo com os ouvintes/leitores a quem o discurso está sendo direcionado.

Nenhum acontecimento nasce de uma causa única, mas é o produto de uma vasta rede de significantes e de poder. Ademais, a história e a história das ideias são intimamente ligadas à leitura e à produção de textos literários. Esses textos, por sua vez, são a expressão de práticas discursivas determinadas histórica e materialmente. Esses discursos são produzidos dentro de um contexto de luta pelo poder. De fato, na política, nas artes e na ciência o poder se constrói através do discurso e, portanto, a pretensão de haja objetividade nos discursos é falsa, havendo então, apenas discursos mais poderosos e menos poderosos (BONICCI, 2009, p. 224).

E mesmo que as narrativas a serem analisadas estejam escritas na língua do seu colonizador, elas têm o poder de mostrar como é a convivência dos personagens infantis dentro de uma sociedade pós-colonial e, mesmo que elas produzam poucos diálogos dentro das histórias, os leitores ainda podem compreender o sentimento de dor, angústia e desprezo que os personagens vivem e sentem, assim como Michele Beraldo Matter discursa sobre:

Entretanto, a arte e a teoria pós-modernistas têm reconhecido de forma autoconsciente seu posicionamento ideológico no mundo, e têm sido estimuladas a fazê-lo, não apenas como reação a essa insultuosa acusação de trivialidade, mas também por aqueles ex-cêntricos, que antes eram silenciados, tanto os de fora (pós-colonial) como os de dentro (mulheres, gays) de nossa cultura ocidental supostamente monolítica. (MATTER, 2015, p.3)

Por isso, acreditamos que Portugal também impôs silêncio no país, uma vez que a língua dos moçambicanos não poderia ser utilizada, mesmo nas conversas em família, visto que essa atitude ia contra a ordem dos colonizadores. Assim, os falantes de língua portuguesa eram considerados de classe superior aos não falantes dessa língua, dando início ao abuso de poder através da língua e consciência de classe por parte dos colonizados.

A consciência de classe permanece atrelada a um sentimento de comunidade ligado por conexões nacionais e por organizações políticas, e não àquele outro

sentimento de comunidade cujo modelo estrutural é a família (SPIVAK, 2010, p. 38)

Contudo, o que percebemos ao ler os contos de Mia Couto é que as narrativas, embora escritas em língua portuguesa, carregam vários “sinais” de resistência e consciência de classe como o uso das palavras do dialeto moçambicano, como *ndlati*¹ mencionado em “O dia em que explodiu Mabata-bata”, a própria consciência de classe de Joseldo, pois em vários momentos ele possui um discurso impositivo sobre a sua mulher e filha, mas age submissamente em frente ao empresário da história em “A menina do futuro torcido”. Ou, ainda, a consciência de classe e resistência do menino que deseja a própria morte por não se sentir parte da sociedade em que vive, em “O rio das quatro luzes”. Segundo Araújo (2017), essas obras estão

[...] fortemente carregadas de histórias míticas sobre a criação do mundo, sobre a resolução de conflitos e sobre a capacidade de resistência de povos africanos, seja em contextos locais ou na diáspora africana. Envolvem personagens com atributos sobre-humanos, dotados de poderes mágicos ou de uma sabedoria ancestral; são também deusas e deuses que auxiliam seus descendentes na resolução de conflitos; são, sobretudo, histórias de reencontros entre três experiências: a vivência com o racismo, que marca tão fortemente as trajetórias de negras e negros no Brasil; a resistência, característica central da população negra na diáspora; e seus mitos fundantes, que na origem africana auxiliavam mulheres, homens, crianças, velhas e velhos a lidarem com seus conflitos e a solucionarem problemas. São histórias de reconciliação e fortalecimento da história africana (ARAÚJO, 2017, p. 38).

Já a falta de frases mais elaboradas dos personagens em língua portuguesa e a presença de lendas e folclores locais mencionadas nos contos apresenta a submissão por parte dos personagens dentro do seu próprio território. Além disso, há uma tentativa de reinserir a sua cultura e conhecimento dentro dos padrões dos colonizadores. Esse ato de reinserir o conhecimento moçambicano nos contos, mostra como o passado dessas pessoas ainda está muito presente ao “novo” cotidiano delas.

Certamente que a cultura também é um laço, uma liga social, um lugar de comunhão, um refúgio contra as misérias da existência, uma baliza e uma válvula de escape; mas essa ancoragem exclusiva, em uma direção ou em outra – rumo a um passado reconstruído ou aos esplendores de um futuro hipotético, à valorização excessiva do passado ou à esperança desmedida no

¹No conto, *ndlati* significa a “ave do relâmpago”.

futuro, à navegação entre os fantasmas e os mitos, a uma era de ouro passadista ou a uma era do ouro distante –, culmina no mesmo resultado: o esmagamento do presente. (MEMMI, 2007, p. 65-66)

Esse contraste entre passado e presente pelos personagens é bastante significativo para a ficção já que “mesmo que se deva compreender inteiramente aquilo no passado que de fato já passou, não há nenhuma maneira de isolar o passado do presente”. (SAID, 2011, p. 24). Afinal, todo esse conhecimento trazido ao presente da narrativa, faz parte do passado dos personagens mais velhos, passado de geração por geração.

Nem o imperialismo, nem o colonialismo é um simples ato de acumulação e aquisição. Ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação: o vocabulário da cultura imperial oitocentista clássica está repleto de palavras e conceitos como “raças servis” ou “inferiores”, “povos subordinados”, “dependência”, “expansão” e “autoridade”. E as ideias sobre a cultura eram explicitadas, reforçadas, criticadas ou rejeitadas a partir das experiências imperiais (SAID, 2011, p.30, grifos do autor).

É possível notar, por exemplo, em “O rio das quatro luzes” como a cultura de transmitir o conhecimento de geração para geração tende a prevalecer através do personagem avô, mesmo ele tendo vivido como “subordinado” e “dependente” de uma cultura colonizadora. Contudo, o pensamento de “inferioridade” e “raça servil” do neto causa um sentimento tão profundo a ponto de a criança sentir que a morte lhe fará mais bem do que a vida, mesmo com a tentativa de brincadeiras antigas dirigidas pelo avô.

Essa espécie de crise existencial no personagem infantil ocorre nas três narrativas escolhidas como senso de falta de justiça e sempre é justificada pelas próprias crianças (ou pelos narradores oniscientes) no decorrer das histórias, ao afirmarem que a vida não é para meninices e, enquanto uns podem ir à escola, outros precisam trabalhar para ajudar na família.

Como consequência dessa falta de justiça, Couto inclui a morte desses personagens infantis, a qual ocorre através dos atos dos demais personagens. Consideramos esse tipo de literatura como sendo bastante importante para o processo evolutivo dos próprios leitores mirins. Afinal, segundo a psicóloga Wilma da Costa Torres (1979), “o tabu (da morte) não foi totalmente vencido e, em consequência, o adulto não só adota atitude de negar a necessidade de comunicar a ideia de morte à

criança como também tenta afastá-la magicamente dela” (TORRES, 1979, p. 10, grifos meus).

Essa negação que as pessoas sentem sobre a morte ao comentar com as crianças ou adultos, vem do medo da morte ou do medo de morrer que as pessoas sentem, e Maria Júlia Kovács discorre o seguinte:

O medo é a resposta psicológica mais comum diante da morte. O medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independente da idade, sexo, nível sócio-econômico e credo religioso. Apresenta-se com diversas facetas e é composto por várias dimensões. Segundo Feifel e Nagy (1981) nenhum ser humano está livre do medo da morte, e todos os medos que temos estão de alguma forma, relacionados a ele. (KOVÁCS, 1992, p.14).

Consequentemente, quando os adultos “comentam” sobre a morte com as crianças, sempre atribuem a culpa da morte às doenças ou que a morte só vem para pessoas muito velhas, e Couto apresenta a morte como algo natural do ser humano que pode acontecer de diversas maneiras e com qualquer pessoa, inclusive com as crianças. Por esse caminho, entendemos que as crianças podem construir o pensamento crítico sobre a morte, como se comportar diante do luto e da morte de outra criança e como trabalhar esse sentimento, assim como Roland Barthes desenvolve o seu sentimento sobre a morte, em seu livro intitulado *Diário de Luto* (2011).

Que essa morte não me destrua completamente, isso significa que decididamente desejo viver perdidamente, até a loucura, e que, portanto, o medo de minha própria morte continua aqui, não foi deslocado nem uma polegada (BARTHES, 2011, p. 21).

Esse sentimento de fortalecimento perante a morte pode e precisa ser desenvolvido para que essas “crises existenciais” como a dos personagens analisados não ocorram com tanta facilidade nas crianças leitoras. Claro que o contexto cultural e social precisa ser considerado ao refletir sobre essas crises em crianças, pois as crianças nativas de países colonizados sofrem mais com as consequências deixadas pelos colonizadores.

A dominação e as injustiças do poder e da riqueza são fatos perenes da sociedade humana. Mas no quadro global de hoje pode-se também interpretá-las em relação ao imperialismo, sua história e suas novas formas. As nações

contemporâneas da Ásia, América Latina e África são politicamente independentes, mas, sob muitos aspectos, continuam tão dominadas e dependentes quanto o eram na época em que viviam governadas diretamente pelas potências europeias (SAID, 2011, p. 40).

Ao ler os contos, é possível encontrar essa mesma dependência que Moçambique tem pelo colonizador entre os personagens protagonistas pela aprovação de um personagem “superior”, seja o tio dono dos bois, o empresário que pode dar muito dinheiro à família ou os próprios pais de uma criança solitária.

Consideraremos os personagens citados acima como os opressores das narrativas, mesmo que sendo moçambicanos e não os europeus. Pois, mesmo sendo o colonizado adulto, quando possui o poder de fala é para oprimir e emudecer as crianças ao seu redor. Isso ocorre devido ao discurso ideológico deixado pelo colonizador como herança ao povo moçambicano.

As falas e comportamento de tais personagens são baseados no contexto social dos colonizadores, uma vez que: (1) o tio é considerado um homem forte, ameaçador, pois vive dando ordens e maltratando o sobrinho, e é rico, dono de vários bois e terras; (2) Joseldo é um trabalhador que luta incansavelmente pelo sucesso e riqueza que os “dons” da filha podem lhe trazer, obrigando a menina a realizar manobras muito perigosas para um corpo fraco, pequeno e pouco desenvolvido de criança, como era o da menina, Filomeninha.

A opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia de sujeito e de objeto mantida pelos colonizadores. Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma *hierarquia* em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. O colonizador, seja espanhol, português, inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura. Por outro lado, o colonizado é descrito constantemente como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial (BONICCI, 2009, p. 230, grifos do autor).

As crianças personagens vivem em um ambiente de miséria e inferioridade em suas localidades nos contos, pois Azarias vive “brincando com as vacas” e o seu local mais frequente é o pasto; já Filomeninha vive ajudando a mãe a cuidar da casa.

Toda essa ambientação das crianças é inspirada na consequência do colonialismo onde o personagem inferior normalmente está em um ambiente com pouco ou nada de conforto e sempre sendo subordinado aos seus superiores. E a hierarquia sempre segue

o seguinte padrão: o mais fraco e oprimido (neste caso, seriam as crianças) sempre obedece a aquele que possui maiores condições, sejam essas condições o poder físico ou financeiro. Portanto,

todos os tipos de discursos, sistemas de signos e práticas de significação, desde o cinema e a televisão até a ficção e as linguagens da ciência natural, produzem efeitos, moldam formas de consciência e inconsciência que se relacionam intimamente com a manutenção ou com a transformação de nossos sistemas de poder existentes (EAGLETON, 1983, p. 210).

O fato de as crianças personagens viverem em um ambiente hostilizado, nos induz a uma leitura de uma situação precária de vida desses personagens, tendo que trabalhar para ajudar nas despesas da casa sem nenhuma outra opção de vida. Essa situação denuncia também o descaso do sistema político com a população moçambicana e com as suas crianças que precisam trabalhar para ajudar no orçamento familiar em que vivem. Mas, e a infância dessas crianças, como ocorre? E essa exploração infantil retratada nos contos ainda ocorrem nos dias de hoje?

3.2 A exploração infantil em Moçambique

Com a leitura dos contos selecionados, observamos como a exploração infantil é recorrente aos protagonistas e também a consequência para os seus desfechos finais. Portanto, buscamos a teoria da professora Antonieta da Conceição Sidónio Manhice (2016) que considera a exploração infantil todo o trabalho braçal realizado por crianças menores de idade, dentro de más condições de serviços ou perigosos para a faixa etária, além de possuir pouca ou nenhuma remuneração.

Contudo, de acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT), no que diz respeito ao trabalho infantil, em Moçambique é reconhecido que

nem todas as formas de trabalho envolvendo crianças, podem ser consideradas como trabalho infantil. [...] a participação de crianças ou adolescentes em trabalhos que não prejudicam a sua saúde e o seu desenvolvimento pessoal nem comprometem a sua educação, é geralmente considerada uma experiência muito positiva (Fórum da Sociedade Civil para Direitos da Criança, p.3).

Sendo assim, o Documento de Proteção da Criança contra o Trabalho Infantil de Moçambique reconhece que há duas formas de descrever o trabalho infantil: aquele que

é bastante prejudicial à saúde da criança e pode afetar o seu desenvolvimento social e pessoal, e aquele que pode trazer benefícios para a vida da criança como autonomia, confiança e valores.

Com base nesse documento, acreditamos que a figuração das crianças trabalhadoras nos contos de Mia Couto, estudadas no presente trabalho, trata-se sim de exploração e trabalho infantil, pois o trabalho que os arrancam cedo da cama compromete a educação básica e desenvolvimento cognitivo delas, pois as crianças não trabalham apenas para agregar valores e benefícios às suas vidas e das de seus familiares, elas trabalham com o único objetivo de gerar renda aos seus patrões/familiares.

Azarias, por exemplo, não tinha direito à escola, pois “não era filho” (COUTO, 2013, p.12), por isso, acordava muito cedo e dormia tarde da noite para estar sempre à frente nos cuidados dos bois do seu tio. Filomeninha, por outro lado, foi forçada a “treinar para trabalhar” sem qualquer assistência ou oportunidade para ser ouvida, pois seu pai pensando em como sustentar a grande família que possuía, ordenou que a filha tornasse uma contorcionista profissional (COUTO, 2013). Já no terceiro conto, não temos o tema do trabalho infantil abordado, mas sim a ideia de morte associada à inserção social e visão de mundo da criança a partir das suas relações familiares, portanto, não fizemos a comparação do trabalho infantil em relação aos contos anteriores.

De acordo com uma pesquisa sobre os números de crianças exploradas em todo o planeta recentemente a ser apresentada mais à frente, concordamos com Manhice (2016) quando ela defende a importância de haver uma idade mínima para o trabalho infantil, visto que o trabalho pode prejudicar a vida social e pessoal das crianças afetando a sua infância e o seu desenvolvimento, afinal as crianças precisam de condições físicas e psicológicas para trabalhar.

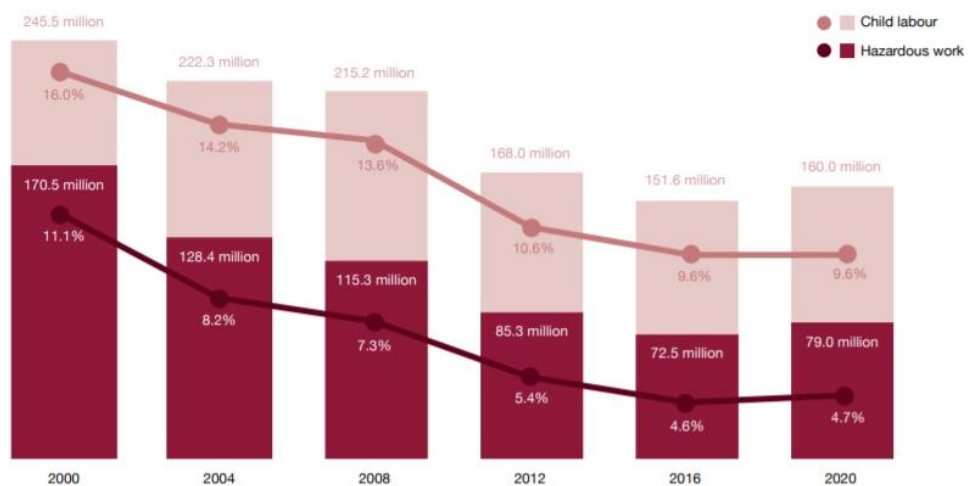
Apesar de existir uma idade mínima legal permitida para o início do trabalho, o trabalho infantil como um todo é visto como inadequado, existindo atividades vistas não só como inadequadas mas impróprias para crianças, pela sua crueldade, por essa razão devem ser banidas com muita urgência. (MANHICE, 2016, p.59).

No decorrer das pesquisas, foi constatado que a consciência mundial sobre o trabalho infantil teve início no século XVIII, mas só em 1979 é que foi assinado como

o ano internacional da criança e, a partir de então, houve uma atenção maior sobre o assunto.

Desde os registros dos anos 2000, é possível perceber como a porcentagem de crianças trabalhando vinha caindo em pequenas porcentagens no mundo todo, tanto no trabalho infantil, quanto no trabalho infantil considerado perigoso, com o passar dos anos. Contudo, o número voltou a ficar mais elevado em 2020, como nos revela o quadro 2 que apresentamos a seguir.

Quadro 2: Progresso global contra o trabalho infantil



Fonte: Adaptado da OIT – IPEC, 2020

Em 2020, foram registrados 8,4 milhões de crianças exercendo o trabalho infantil a mais do que quatro anos antes. E a mesma alta é notada das crianças que estão exercendo trabalho infantil considerado perigoso, que subiu de 72,5 milhões, em 2016, para 79 milhões, em 2020.

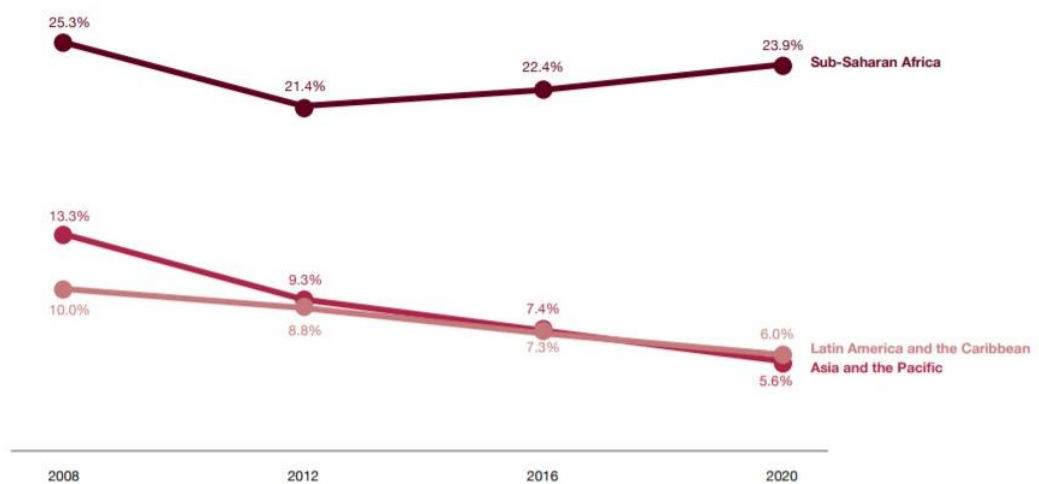
De acordo com uma manchete da ONU (2019) “A Organização Internacional do Trabalho, OIT, estima que 218 milhões de crianças entre os cinco e 17 anos estejam empregadas” (ONU, 2019), e mesmo que haja denúncias, muitas das crianças precisam trabalhar para ajudar nas despesas da família (MANHICE, 2016).

O número apresentado é bastante preocupante e o que o torna ainda mais arrasador é que parte desse número se encontra somente na África.

Um estudo sobre diferentes regiões do mundo revela que, em termos absolutos, quase metade do trabalho infantil, 72,1 milhões, registra-se em África. A seguir estão as regiões da Ásia e Pacífico e das Américas (ONU, 2019).

As demais regiões somam o restante do número que não deixa de ser tão preocupante quanto. Países da América Latina, Caribe, Ásia e Pacífico, no entanto, vêm diminuindo os seus números de trabalho infantil, diferente da África que podemos notar uma nova elevação dos números em comparação aos demais países.

Quadro 3: Ásia, Pacífico, América Latina e Caribe mantêm os seus números estáveis, enquanto África se mantém em ascensão

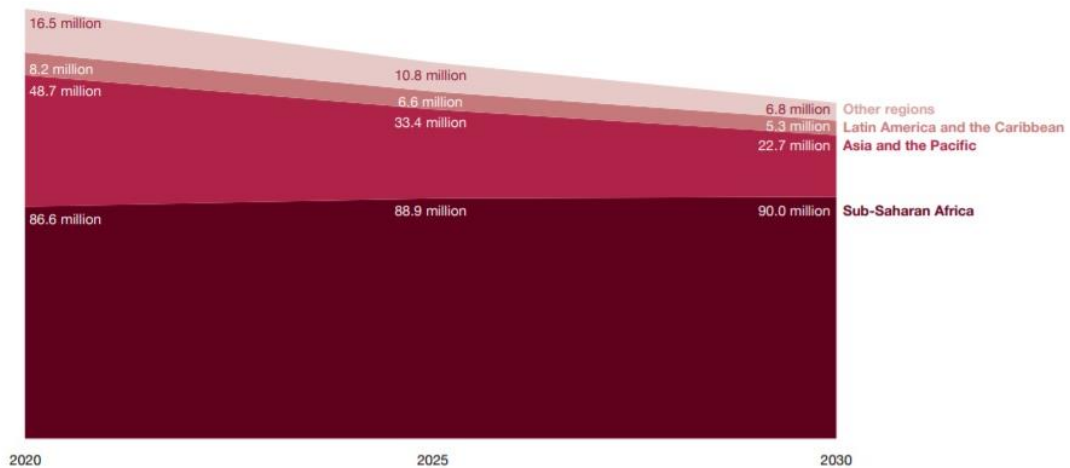


Fonte: Adaptado da OIT – IPEC, 2020

Enquanto a África sobe o seu percentual a cada quatro anos, notamos o declínio, mesmo que sutil, dos demais países. Assim, em 2020, a África possui 17,9% de crianças trabalhando a mais do que o mundo todo.

Se, em uma suposição, esses números estagnassem como estão atualmente, a estimativa é de que aproximadamente 140 milhões de crianças estarão em condições de trabalho infantil até 2025, e 125 milhões em 2030, em uma escala mundial.

Quadro 4: Quantidade de crianças em trabalho infantil entre 2025 e 2030



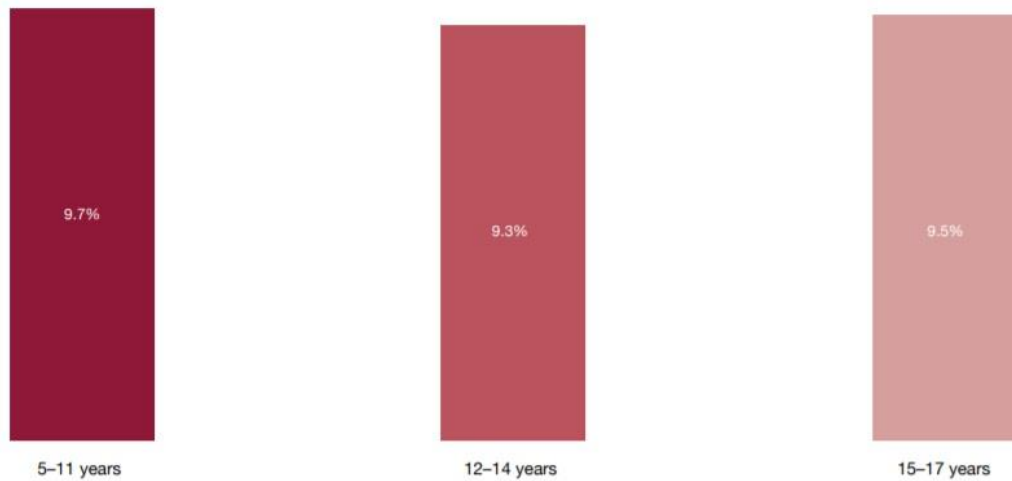
Fonte: Adaptado da OIT – IPEC, 2020

Toda essa pesquisa está dividida em regiões que envolvem todas as crianças em situação de trabalho infantil. Como visto anteriormente, esses números incluem todas as idades entre 5 a 17 anos, por isso, julgo importante apresentar tais porcentagens divididas, agora, por idade, para fins de comparação.

3.2.1 A exploração infantil por idade

Com estudos recentes, a OIT (2020) afirma que, dos 160 milhões de crianças em situação de trabalho infantil globalmente, 89,3 milhões possuem idades entre 5 e 11 anos, apenas. Depois, 35,6 milhões de crianças possuem as idades entre 12 e 14 anos. E as demais 35 milhões de crianças possuem idades entre 15 e 17 anos.

Quadro 5: Proporção de crianças em situação de trabalho infantil

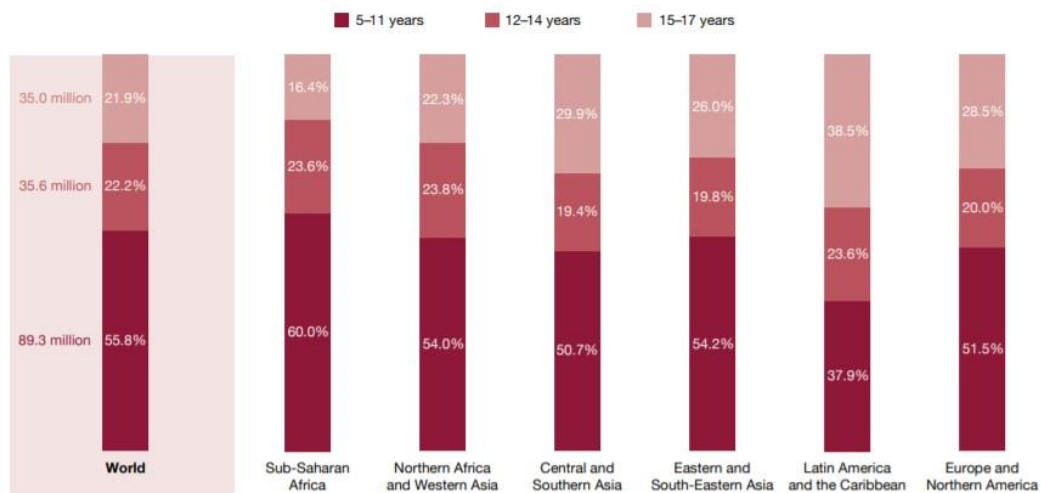


Fonte: Adaptado da OIT – IPEC, 2020

Como o quadro apresenta, o trabalho infantil repartido por idade mostra que a preferência por crianças que ainda estão em sua primeira e segunda infância são bem grandes. A motivação para essa escolha pode ser justificada com o fato de serem crianças abandonadas e/ou órfãs, dessa forma, não há a necessidade de apresentar remuneração.

E é possível perceber esse fato, principalmente com o quadro a seguir que apresenta as regiões divididas por idades para o trabalho infantil e a África novamente está à frente.

Quadro 6: a África possui a maior porcentagem de crianças mais jovens em situação de trabalho infantil, dentre os demais países



Fonte: Adaptado da OIT – IPEC, 2020

Mundialmente, a porcentagem de crianças em situação de exploração infantil entre os 5 a 11 anos é de 55,8%, ou seja, mais da metade das crianças dessa idade já possuem um trabalho. E analisando por regiões, é possível ver que 60% das crianças que trabalham na África estão dentro dessa mesma faixa etária.

Observamos que o percentual de crianças entre 12 e 14 anos está em média com as demais regiões. Pois se trata de crianças na fase inicial da adolescência e, conseqüentemente, crianças que provavelmente já precisam estar ajudando economicamente em suas casas.

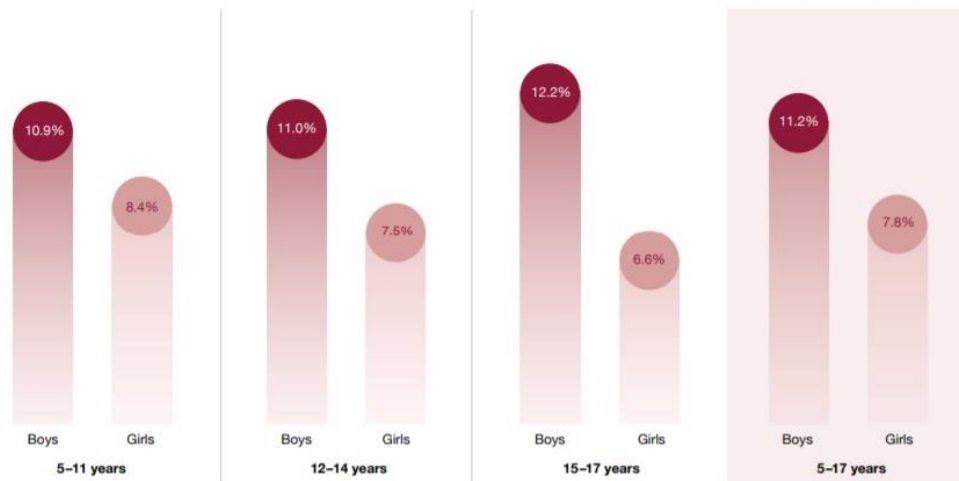
Por fim, vemos que as crianças entre 15 e 17 anos estão na menor porcentagem das crianças com trabalho na África, pois correspondem a apenas 16,4%. Crianças nessa idade, provavelmente já entendem sobre as circunstâncias em que vivem no próprio país e, normalmente, se mudam ou ingressam em serviços nacionais (OIT, 2020).

Após analisar estes dados, também julgamos importante trazer informações desses números separando essas crianças por gênero, uma vez que em nossa análise, encontramos personagens menino e menina em situação de trabalho infantil nos contos. Assim, também é possível compreender quanto desses números apresentados são meninos ou meninas em situação de exploração infantil.

3.2.2 A exploração infantil por gênero

Ainda de acordo com os estudos da OIT (2020), os números sugerem que os meninos, de todas as idades, estão em maior quantidade em situação de trabalho infantil do que as meninas, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 7: Mundialmente, os meninos lideram as porcentagens de trabalho infantil

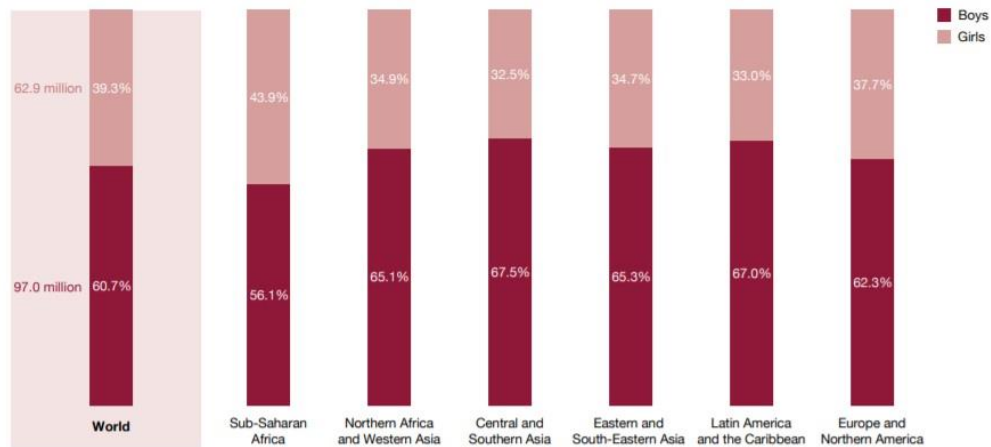


Fonte: Adaptado da OIT – IPEC, 2020

É possível visualizar que na porcentagem total de trabalho infantil, desde os 5 até os 17 anos, os meninos lideram com 3,4% a mais do que as meninas. Sugerimos que essa diferença ocorra pela crença popular de que os meninos possuem mais força física para trabalhos pesados do que as meninas, embora isso nunca tenha sido um empecilho para expor as meninas à situação de trabalho infantil e de risco, da mesma forma que os meninos.

Olhando a pesquisa por regiões, percebemos que os meninos continuam no topo no que diz respeito ao trabalho infantil.

Quadro 8: Separado por regiões, no trabalho infantil os meninos continuam no topo em relação às meninas



Fonte: Adaptado da OIT – IPEC, 2020

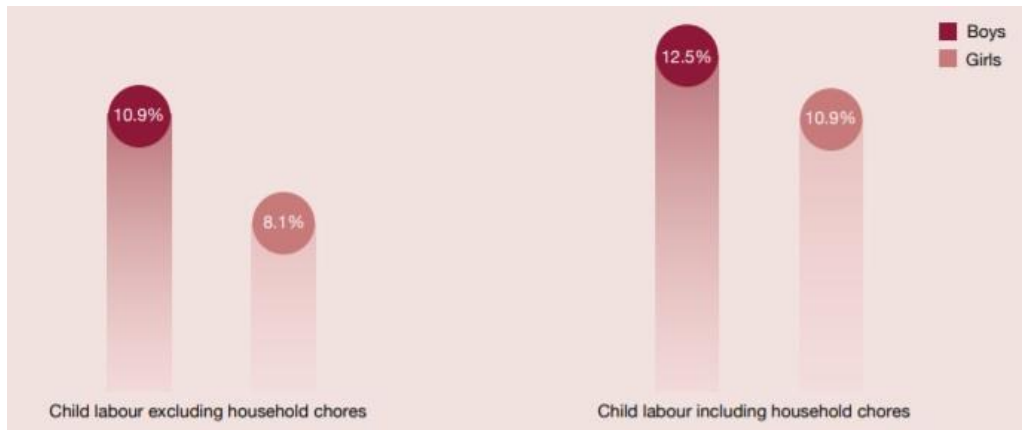
Os números mostram que os meninos estão com uma porcentagem grande e com margens consideravelmente a mais do que as meninas em situação de trabalho infantil. Vemos que, mundialmente, há 97 milhões de meninos trabalhando entre as idades de 5 a 17, ao passo em que há quase 63 milhões de meninas, na mesma situação e idade.

A seguir, destacaremos a pesquisa que sinaliza as crianças que trabalham incluindo ou não os serviços domésticos.

3.2.3 A exploração infantil incluindo os serviços domésticos

Como vimos anteriormente, os meninos aparecem como a maioria das crianças sendo exploradas mundialmente. E a pesquisa a ser apresentada a seguir, mostra mais uma vez os meninos no topo dos números, também, nos trabalhos domésticos.

Quadro 9: Porcentagens dos meninos incluindo ou não os serviços domésticos



Fonte: Adaptado da OIT – IPEC, 2020

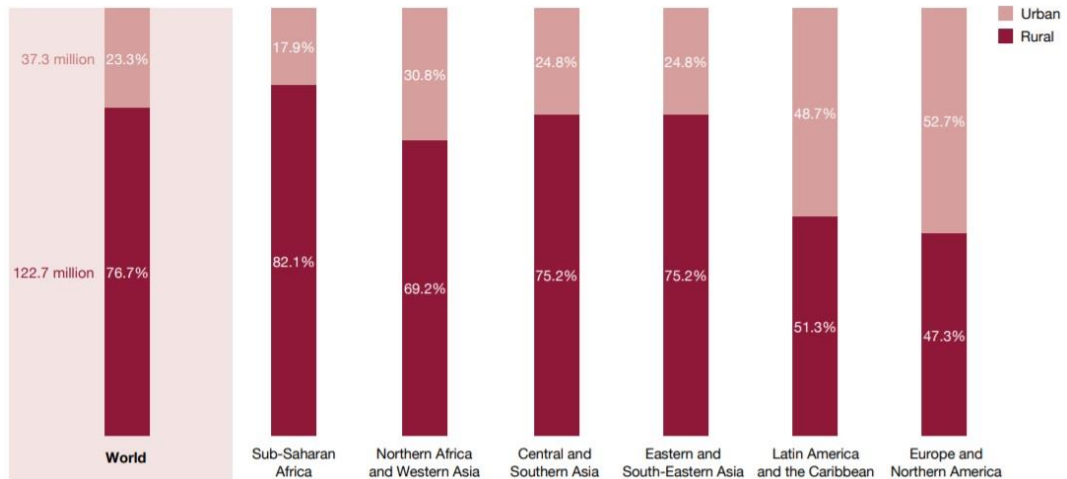
Com esse quadro, percebemos que a primeira porcentagem, em que os meninos que não realizam serviços domésticos, é de 10,9%, ao passo em que a porcentagem dos meninos que realizam, também, os trabalhos domésticos nos seus afazeres, é de 12,5%.

Dessa maneira, os números apresentam os meninos como em maioria nos serviços domésticos, mas a própria pesquisa sugere que muitas meninas não estão inclusas nessa porcentagem, uma vez que os “patrões” as escondem para não serem pegos pelos defensores das crianças.

De acordo com a pesquisa da OIT (2020), no trabalho doméstico é realizado: pequenos e médios reparos, cuidar de membros doentes e idosos, lavar, passar e guardar as roupas, acompanhar membros no serviço ou na escola, cozinhar e lavar os utensílios. Além disso, as crianças que realizam o trabalho doméstico são exploradas com 21 horas de trabalho e sem qualquer pagamento pelo serviço prestado (OIT, 2020).

E ainda, a maioria das crianças que são exploradas com trabalhos infantis ao redor do mundo, trabalham quase que predominantemente na área rural, embora haja números que indicam o trabalho na zona urbana também.

Quadro 10: A exploração infantil nas zonas urbanas e rurais

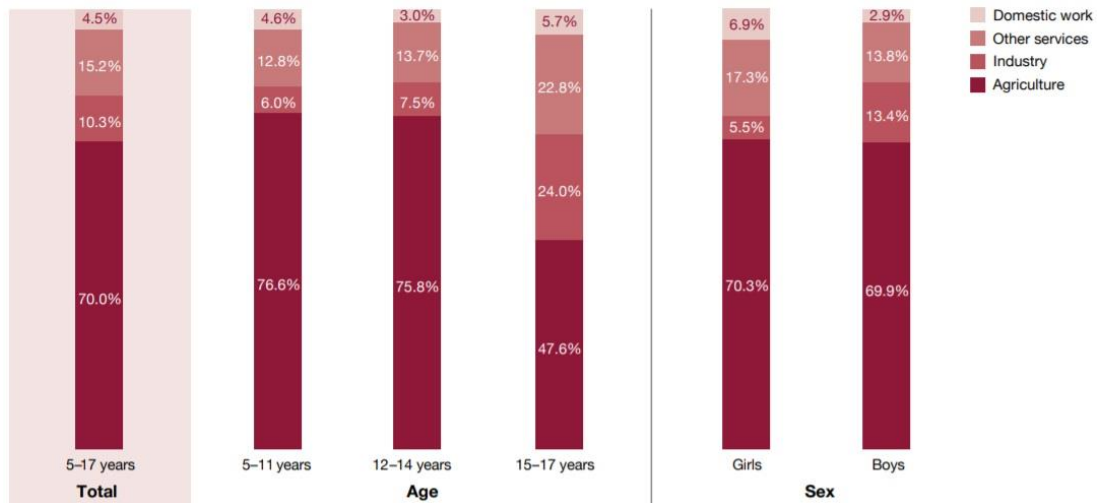


Fonte: Adaptado da OIT – IPEC, 2020

No total, são 122,7 milhões de crianças trabalhando na zona rural, enquanto as outras 37,3 milhões estão na zona urbana. De todas as regiões, Europa é a única região que possui a porcentagem urbana maior do que a rural. As demais regiões predominam nos serviços mais brutos e pesados.

Os trabalhos encontrados nas zonas urbanas normalmente são em indústrias e manufaturas, ao passo que a agricultura predomina na zona rural. Contudo, devemos considerar que todo trabalho infantil possui grandes porcentagens de periculosidade, seja em qual ramo for, pois as crianças não possuem capacidade física ou psicológica para exercê-los, principalmente por possuírem o seu corpo ainda em formação, impossibilitando estrutura física para realizar inúmeras atividades que os trabalhos solicitam.

Quadro 11: a exploração infantil em diferentes ramos



Fonte: Adaptado da OIT – IPEC, 2020

Conforme o quadro anterior apresenta, mundialmente, o trabalho na agricultura predomina entre crianças de 5 a 17 anos com 70% nesse ramo, seguido de outros serviços (cujo as funções não foram esclarecidas na pesquisa), vindo após a indústria e, por fim, os serviços domésticos.

Ainda é possível notar como quanto menores de idade forem as crianças, maior é o seu número na agricultura, com quase 77% das crianças com idades entre 5 e 11 anos nesse ramo. E quanto maiores de idade forem, menor é o seu número no ramo, com 47,6% de crianças trabalhando.

Entendemos que essas crianças trabalhadoras tiveram as suas histórias e percalços retratadas em algumas escritas pós-coloniais, como as dos contos de Mia Couto estudados nesta pesquisa, contudo, não podemos esquecer que quando o trabalho infantil retratado não retira os valores e direitos da criança, se trata apenas de uma obra literária que apresenta a cultura do país, visto que, como mencionamos, faz parte da cultura moçambicana que as crianças ajudem a família ativamente com recursos financeiros.

E embora algumas diegeses apresentem a vida dessas crianças em contexto de exploração infantil e era pós-colonial de Moçambique, elas também são apresentadas com o emudecimento de suas vozes, portanto vemos suas ações, mas não ouvimos as suas vozes.

As crianças ocupam um lugar aparentemente periférico na história em geral e isso se reflete na dificuldade em encontrar imagens delas e sobre elas. Ao mesmo tempo em que não são elas que escreveram sua própria história e nem são elas que registram suas imagens as crianças têm sua história contada e retratada por outros. (ABRAMOWICZ; SILVEIRA; JOVINO; SIMIÃO, p.268, 2011).

Quando percebemos essa figuração das crianças, mas sem haver a narrativa contada através das suas vozes, durante a leitura dos contos de Mia Couto, retomamos a ideia de Spivak (2010) que as crianças também são subalternas por não possuírem o seu local de fala, mesmo quando a história se concentra sobre a vida da criança, no caso desta pesquisa, Azarias, Filomeninha e o menino sem nome.

Ao realizar a leitura dos contos, temos acesso até aos pensamentos das crianças apresentadas através de um narrador onisciente, e isso nos impede de ouvir até as angústias internas e silenciadas pelas próprias crianças. Por isso entendemos que, nesta pesquisa, as crianças são emudecidas até quando a história é sobre elas mesmas, e se elas são silenciadas, há a morte até das suas palavras.

4 A MORTE E A INFÂNCIA EM CONTOS DE MIA COUTO

Mesmo que estejamos no século XXI, ainda se encontra um grande tabu ao discutir sobre a temática da morte. Isso porque as pessoas têm medo e receio a simples noção à palavra. E embora exista esse tabu, a morte é um acontecimento desconhecido, mas, é também uma certeza que ocorrerá na vida de todos os seres vivos.

Apesar de ser uma certeza que acompanha o homem ao longo de sua existência, a morte ainda é um tema que assombra, desperta temores e representa o limite das pretensões do homem moderno de obter um controle absoluto sobre seu destino. A persistente luta do homem contra a morte o faz buscar, incansavelmente, meios de bani-la de seu universo ou, pelo menos, de enfraquecê-la e retardar suas fatídicas incursões mundanas. (CORREA, 2011, p. 3).

Normalmente, a primeira experiência dos seres humanos com a morte vem do contato com a morte através de terceiros e é a partir desse momento que passamos a refletir sobre como a morte nos incomoda e nos amedronta, gerando a nossa reflexão acerca do assunto, assim como afirma Guerreiro (2014):

O homem tem experiência da Morte através da morte dos outros, o que lhe permite pensar sobre esta ideia e sobre o momento da sua morte [...] através da morte alheia, vive-se um pouco a nossa, fruto dos efeitos emocionais e do drama da perda do outrem. A morte é a única experiência humana que não podemos partilhar – é impossível representar a própria morte, a não ser como espectador, pelo que é sempre através do que acontece aos outros que dela tomamos conhecimento ou proximidade, pois, quando chegar a nossa vez, já não poderemos comunicá-la. (GUERREIRO, 2014, p. 174-175, grifos do autor).

Como não se pode “experienciar” a própria morte, sempre que as pessoas têm contato com a morte em formato de obras literárias, cinema, música, teatro, quadros, dentre outras artes, essa experiência as faz refletir sobre a nossa existência, algumas vezes as tornam mais empáticas e compreensivas e, em outras, as tornam mais rebeldes com o intuito de “viver a vida como der”, mas sempre há a reflexão sobre o tema.

Entretanto, grande parte dessa literatura centraliza-se naquelas que se defrontam com a morte, os doentes terminais, ou aqueles que sofrem o processo de luto, e, em sua maioria, focaliza os adultos. (TORRES, 1979, p. 10).

E pensando nas palavras de Wilma da Costa Torres, entendemos que essa reflexão é mais difícil de ser adquirida quando se vê os termos morte e criança associados. Para a sociedade em geral, falar da morte já é bastante delicado, mas eles tendem a fingir que a morte não pode estar relacionada à uma criança, seja ela da maneira que for, afinal,

tais palavras parecem contraditórias. É como se a morte não se ocupasse da vida na infância em nenhuma forma de aproximação – pela morte da própria criança, pela perda de alguém próximo de sua convivência, ou de um bichinho de estimação ou até mesmo pelas imagens de TV e jogos infantis. (VENDRUSCOLO, 2005, p.27)

Considerando as palavras de Juliana Vendruscolo, observamos que realizar a análise da morte das crianças protagonistas dos contos selecionados na presente pesquisa é de extrema importância, uma vez que há a necessidade de conscientizar os leitores de que a morte é uma questão muito importante a ser discutida na sociedade, principalmente entre as crianças.

A temática da morte quase nunca está presente na literatura infanto-juvenil e acreditamos que isso ocorre por causa do receio das pessoas em discutir sobre o tema com as crianças, como dito anteriormente. Contudo, temos a convicção de que é dentro da literatura que as crianças irão encontrar respaldos para entender os próprios sentimentos diante de um possível luto ou perda familiar, caso ocorra. Pois, segundo a autora Regina Zilberman (1985)

a literatura para crianças e jovens expande-se como gênero literário a partir do momento em que a infância passa a ser considerada não apenas uma faixa etária diferenciada, mas também um período da existência com características singulares, que requer cuidados especiais e atendimento particularizado. (ZILBERMAN, 1985, p. 98)

As crianças e jovens precisam de amparo afetivo ou sentir emoções que somente a literatura pode proporcionar a elas, uma vez que a literatura infanto-juvenil consegue por em palavras os sentimentos confusos que esse público possa ter.

E partindo do pressuposto de que as narrativas, mesmo que as ficções de fantasia, são escritas após uma relação do autor com o assunto, entendemos que a combinação

criança e morte não são frequentemente vistos na literatura e outras artes porque a sociedade entende que está “poupando” as crianças de sofrimento, com a finalidade de protegê-las da dor do luto. Mas Vendruscolo (2005) acredita que

essa concepção errônea favorece atitudes inadequadas dos adultos com as crianças que vivenciam situações relacionadas à morte, tais como: evitar o assunto, minimizar o sofrimento que eles próprios estão sentindo para poupar a criança, utilizando eufemismos que confundem ainda mais a criança e até mesmo a criação de mentiras que venham substituir a situação que envolve a morte (VENDRUSCOLO, 2005, p.26).

Portanto, privar as crianças de entender a morte, é também privá-las de desenvolver os seus sentimentos de dor e luto. E, embora a morte seja uma certeza na vida de todos os seres vivos, discutir sobre a temática ainda é bastante delicado, visto que muitas pessoas não conseguem lidar com o luto e a dor da perda. Talvez, por isso, é comum que as pessoas evitem o assunto, mesmo que o tema seja bastante apresentado na programação televisiva em decorrência de muitas violências e, até, banalizado em algumas situações.

Entendemos que “é ilusório tratar o tema como se fosse uma situação distante, que não faz parte do desenvolvimento natural humano” (SENGIK & RAMOS, p.120, 2015) e, por conta disso, estudar a morte na literatura é bastante pertinente, visto que ainda não há tantas obras que trazem essa temática para as narrativas, principalmente as narrativas direcionadas ao público infantojuvenil.

Se falar sobre a morte já pode causar bastante desconforto nas pessoas, é até compreensível que as pessoas não queiram juntar a temática da morte ao público de crianças. Mas, omitir esse acontecimento, mesmo que na literatura, é, de fato, prejudicial para os pequenos leitores, pois a morte pode acontecer em qualquer família e a qualquer momento, então não é incomum as crianças também sentirem a dor da perda e ter de enfrentar o luto.

Diante de tal contexto, pode-se supor que a morte também permeie o ambiente escolar. A criança leva para a sala de aula suas vivências, e isso implica dividir com outros (colegas, professores, merendeiras, zeladores, etc.) situações de perda, bem como expressar sentimentos de abandono. Entretanto, o adulto, em geral, evita tratar do tema com a criança (SENGIK & RAMOS, 2015, p.120).

Além de os adultos evitarem esse assunto com crianças, também é bastante comum as pessoas evitarem escrever sobre o tema para crianças, pode ser essa a explicação para o número de obras e narrativas que tratem sobre a morte de crianças ser bastante baixo. Dessa forma, “em situações como essas, os adultos tendem a pensar que a atitude de omitir, distorcer, silenciar a verdade à criança evita-lhe o sofrimento” (SENGIK & RAMOS, 2015, p.120).

Como a morte de alguém querido causa dor e sofrimento a qualquer pessoa, evitar apresentar esse conteúdo, principalmente às crianças, impede que elas saibam como se expressar diante do fato, além de que elas param de confiar nas pessoas que dizem “vai ficar tudo bem” quando elas sabem que não está tudo bem, mas não sabem como expressar. Pois,

a expressão da dor dos sobreviventes é devida a uma intolerância nova com a separação. Mas não é somente diante da cabeceira dos agonizantes e da lembrança dos desaparecidos que se fica perturbado. A simples ideia da morte comove. (ARIËS, 2012, p. 69).

A dor da separação física e permanente demora a ser entendida e o período de luto pode ser bem maior do que muitos acreditam, por isso, a leitura sobre o tema pode ajudar as crianças a compreenderem melhor o sentimento.

O efeito que a leitura sobre a morte pode causar nas crianças é bem ao contrário do que a crença popular acredita, uma vez que a morte, mesmo que retratada de forma simbólica na literatura, pode trazer sentimentos semelhantes às crianças, fazendo com que entendam a situação de luto que estão vivendo e saibam processar o acontecimento.

Pela leitura da obra literária, o assunto em questão pode ser tratado de forma mais simbólica, promovendo não somente a formação do conceito de morte, mas também construindo significações às quais a palavra remete. A situação dada na ficção não é igual à vivida pelo leitor, mas há traços presentes no universo ficcional que podem contribuir para antecipar ou mesmo auxiliar o entendimento de eventos já experienciados. (SENGIK & RAMOS, p.121, 2015).

Além da temática da morte, as crianças podem experienciar outras situações através da leitura, que envolvem sentimentos negativos em relação a sua infância e, com essa leitura, podem refletir sobre o tópico abordado.

Nos contos analisados, buscamos relacionar os argumentos sobre o abandono e a orfandade como a morte *da* infância, que é quando a criança deixa de viver a infância para se comportar como pequeno adulto com grandes responsabilidades. E também relacionamos os mesmos tópicos com a morte *na* infância, que é quando a criança perde a própria vida em decorrência dos temas mencionados.

Alguns livros, principalmente os de literatura infantil e infanto-juvenil, podem auxiliar as crianças a lidarem com as mais diversas situações de vida, tendo em vista a empatia com que seus autores abordam temas como o abandono, o distanciamento, a perda e a morte. (SENGIK & RAMOS, 2015, p.121).

Dessa maneira, ao estudar mais sobre contos específicos de Mia Couto, é possível encontrar situações em que podemos aplicar o fundamento teórico a ser utilizado no contexto de morte *na* infância e morte *da* infância.

4.1 A infância em Mia Couto

O autor Arthur Aroha (2021) afirma que nenhuma infância é perdida, já que não se pode “perder” uma infância pois ela não deixa de existir:

a infância não é um objeto que possa ser perdido, toda a infância de um indivíduo adulto foi vivida, seja ela boa ou ruim. A ideia de perda é ilusória ou prática discursiva. O que foi perdido ou roubado foi o potencial de uma infância mais feliz, e não a infância ela mesma (AROHA, 2021).

Concordamos que a infância não é um objeto para se perder, mas também acreditamos que, quando uma criança não age como uma criança e sim como um pequeno adulto, a sua infância chega à falência, deixando assim de existir.

Os três contos de Couto possuem crianças protagonistas que estão longe de ter uma infância feliz (talvez a criança em “O rio das quatro luzes” tenha resquícios de uma “boa infância”, mas isso será discutido mais à frente).

Os deveres e obrigações de quem está vivendo a sua infância são bastante diferentes de quem está vivendo a sua vida de adulto plena, isso é um fato. A infância é um momento de descobertas em que a criança conhece e entende o mundo a partir de suas brincadeiras e experiências boas ou ruins. Consequentemente, é a partir das experiências mencionadas que a criança vai conseguir construir os seus próprios valores

em constante formação agregando ao conhecimento de mundo que adquire com os seus familiares, e esses valores são os quais essa criança levará para as suas fases adolescente e adulta.

As brincadeiras entre amigos, rimas, canções e cantigas, lendas e folclores ajudam exponencialmente no desenvolvimento de uma criança, pois ela consegue desenvolver os seus sentimentos e habilidades como o medo, o amor, a amizade, o trabalho em equipe e a empatia. Mas, muitos desses sentimentos e habilidades só se desenvolvem ao máximo na presença de outras crianças, com bastante interação social.

Contudo, ainda de acordo com Aroha (2021), “em meados do século XX foi criada e romantizada uma ideia de que a infância precisava ser 100% feliz e quando há uma infância infeliz, entra a ideia de uma infância roubada ou perdida” (AROHA, 2021). O problema da infância “roubada ou perdida” de uma pessoa é como ela se transforma e os ideais que ela adquire ao crescer.

O teórico Winnicott (2019) classifica as pessoas entre as que tiveram uma boa infância e as que não tiveram. Pois, para ele, as pessoas que tiveram uma boa infância se tornam bons cidadãos, diferente das que sofreram durante a sua infância, que se tornam pessoas infelizes.

Acho útil dividir o universo de pessoas em duas classes. Há aquelas que jamais se desapontaram enquanto bebês, e, na mesma medida, são candidatas a viver alegremente e aproveitar a vida. E há as que sofreram experiências traumáticas, provenientes de decepções com o ambiente, e que necessitam carregar perpetuamente as lembranças [...] do estado em que se encontravam no momento do desastre. Estas são candidatas a lesar vidas tempestuosas e talvez candidatas à doença (WINNICOTT, 2019, p.25).

Nos contos estudados, é percebido que a ideia de infância roubada se dá porque a criança não tem uma infância, propriamente dita. As crianças não vão à escola, então a interação social, o trabalho em equipe e a empatia não podem florescer nelas. As crianças também não têm livre arbítrio, não podem escolher “não” fazer alguma coisa, assim como não podem falar e expressar os seus sentimentos e opiniões, pois não servem para o momento em que vivem.

Mas, além de uma “infância roubada” é possível ainda trabalhar com a ideia da morte da infância, uma vez que as crianças do conto não agem como crianças e sim como pequenos adultos. As suas responsabilidades de interagir e conhecer o mundo a

seu modo, como uma criança, não ocorrem. Ao invés, elas precisam saber que para comer tem que trabalhar e bem pesado, e que não há tempo para brincadeiras e imaginação, pois o mundo não é feito disso e, ao contrário do que uma criança imagina, o mundo é bastante cruel e as pessoas também.

Segundo os estudos de Buckingham (2002), no que se refere à morte da infância, tudo parece indicar que o enfraquecimento das fronteiras entre o *mundo adulto* e o *mundo infantil* ocorre lenta e inexoravelmente; a transformação da organização familiar, o déficit das estruturas e organizações governamentais, as novas formas de comunicação e informação, entre muitos outros fatores, seriam as causas desse processo de desaparecimento. Os mesmos fatos, porém, são usados como argumentos para explicar a emergência de uma infância diferente e, com ela, de um mundo e uma cultura infantil particular que precisa de reconhecimento, atenção e privilégios. (MARÍN-DÍAZ, 2010, p. 194, grifos do autor).

Essa fronteira entre o mundo adulto e o mundo infantil é extrapolado nos contos de Couto, fazendo com que a criança tenha a morte da própria infância, pois agir e trabalhar como adulto é a sua única alternativa.

Em “O dia em que explodiu Mabata-Bata” ainda se percebe como Azarias “tenta” brincar com os bois e animais, pois o seu tio ainda zomba dessa situação. Essa situação apresenta pequenos resquícios de infância do menino, mas o momento quase nunca lhe proporciona diversão, pois brincar com os bois é a sua única alternativa de diversão.

Já Filomeninha nem apresenta tais resquícios, uma vez que o pai lhe proíbe tais diversões em prol das práticas de contorcionismo para alcançar a riqueza. Quanto ao conto “O rio das quatro luzes”, não se sabe ao certo o que passa na vida da criança que não é chamado pelo nome. Sabe apenas que o seu único desejo é morrer, pois o protagonista entende que mesmo criança não é possível brincar e agir como uma, a vida adulta está sempre ali a lhe lembrar das obrigações.

As três crianças fictícias vivem em um país que sofreu e muito com a colonização de Portugal, Moçambique. Viver no próprio país de origem e junto dos seus familiares, mas como se não pertencesse àquele lugar por ser sempre inferiorizado e subordinado é uma espécie de exílio bastante triste e que não é incomum de se encontrar, pois “ele [o exílio] é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p.46, grifo meu).

Além disso, há a possibilidade de que essas crianças sejam alegorias da infância de um país que renasce após o período colonial e tenta se distanciar dos mecanismos exploratórios do colonizador.

Nos subtópicos seguintes, buscaremos enquadrar cada um dos três contos selecionados dentro de um tipo de morte descrito anteriormente e apresentar os seus fatores. Ainda iremos colocá-los dentro da seguinte divisão: a morte **na** infância e a morte **da** infância.

4.2 A morte na infância, por Couto

4.2.1 “O dia em que explodiu Mabata-Bata”

Trataremos desse subtópico sobre o falecimento do corpo da criança, a sua morte no sentido de não existir mais nesse mundo. E para isso, iremos encaixar aqui os contos “O dia em que explodiu Mabata-bata” e relacionar com “A menina do futuro torcido”, respectivamente, no subtópico seguinte.

Afinal, entendemos que há uma certa delicadeza ao relacionar os dois assuntos (morte e criança) nas diegeses, e no conto “O dia em que explodiu Mabata-bata” é possível notar um certo eufemismo, utilizado pelo narrador, para minimizar o efeito da catarse nos leitores, uma vez que não se utiliza o termo morte no conto e sim a transição desse acontecimento através de uma descrição maravilhosa, como veremos mais à frente.

Já em “A menina do futuro torcido” notamos como a preocupação com a descrição é drasticamente baixa em relação ao primeiro conto. Enquanto acreditamos que no primeiro conto a descrição da morte do menino se enquadra no gênero maravilhoso que o crítico literário Tzvetan Todorov explica, o qual apresentaremos mais a frente, esse segundo conto possui uma preocupação em representar a dor junto do silêncio de uma menina e criança, exatamente como ela é, sem o intermédio do imaginário.

Em “O dia em que explodiu Mabata-bata” lemos a história de um menino órfão, Azarias, que convivia com o tio Raul e a sua avó Carolina. O tio Raul possuía uma

criação de gado e “Azarias trabalhava para ele desde que ficara órfão” (COUTO, 2013, p. 11).

Para realizar o estudo deste conto, buscaremos selecionar excertos para discorrer sobre como a inocência da criança, a exploração infantil e a guerra civil em Moçambique estão retratadas e como, ao todo, acabam se tornando a consequência da morte do personagem principal. Para tanto, consideraremos que

o passado é uma empresa do imaginário, seja no plano da história, seja no da criação literária. Mas cada discurso preserva sua identidade. Para reconhecê-la, é indispensável refletir sobre as similitudes da narrativa histórica e da narrativa ficcional, bem como sobre as suas singularidades. (WEINHARDT, 2002, p.105).

Assim, compreendemos que o conto é uma ficção criada por Mia Couto e que não foi escrita com o intuito de documentar fatos, mas acreditamos que o autor pode ter utilizado a história do seu país com a finalidade de inspiração e as mortes como simbólicas, representando a história de Moçambique dentro do contexto pós-colonial.

O conto se inicia com uma morte, a do melhor boi que o tio Raul possuía, e o órfão Azarias sabia que, mesmo sem ter chegado perto do boi, o tio iria lhe atribuir a culpa, uma vez que ele pediria uma explicação e o menino não saberia como explicar tal morte. Afinal, de acordo com a descrição do narrador onisciente², Azarias está no seu trabalho habitual e “de repente, o boi explodiu. Rebentou sem um múúú. No capim em volta choveram pedaços e fatias, grão e folhas de boi” (COUTO, 2013, p. 11).

Começamos por discutir sobre a presença de um narrador onisciente. Durante todo o conto, Azarias tem poucas oportunidades de fala sendo mais recorrente no final do conto, quando precisa negociar com o seu tio o seu retorno ao trabalho. De acordo com Spivak (1995), “o sujeito subalterno não tem nenhum espaço a partir do qual ele possa falar” (SPIVAK, 1995, p.28), tal como se encontra Azarias.

Portanto, como já mencionamos anteriormente, consideramos que Azarias é uma criança subalterna e marginalizada, aquela que mesmo estando sozinha na presença apenas de animais não tem o poder de fala, é emudecida pelo tio opressor, o mesmo que também animaliza a criança ao realizar comparações do menino aos animais: “- Este, da

² O narrador em terceira pessoa, mas que sabe dos sentimentos dos personagens.

maneira que vive misturado com a criação, há-de casar com uma vaca.” (COUTO, 2013, p. 13).

Entendemos aqui que, assim como o tio animaliza a criança, ele também pratica a violência psicológica, pois ao verbalizar que o sobrinho se parece com um animal, “todos se riam, sem quererem saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados.” (COUTO, 2013, p.13).

Como já mencionamos, Azarias era o pastor dos bois, o que o remete ao trabalho infantil e o abuso psicológico que o tio pratica com a criança. E trabalhamos com a ideia de trabalho e exploração infantil já analisados anteriormente, porque o seu trabalho atinge diretamente o seu desenvolvimento, uma vez que Azarias não conseguia estudar ou fazer qualquer outra coisa, afinal, “o serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância.” (COUTO, 2013, p.12).

Quanto ao abuso psicológico que o tio praticava, se dá com as suas ameaças ao menino, caso não realizasse o seu trabalho corretamente: “não apareças sem um boi, Azarias. Só digo: é melhor nem apareceres.” (COUTO, 2013, p.12). Esse ato doloso que o tio pratica é uma afirmação desse abuso psicológico e também de poder, além disso, supomos que o menino passa por estas situações rotineiramente de acordo com a leitura do conto.

Por estas condições, o sentimento de culpa surge no personagem principal com a morte do melhor boi, justamente porque o tio lhe atribui toda a tarefa árdua de cuidar, manter e contabilizar todos os bois dentro do pasto, sob as ameaças e surras.

Estes são os motivos que fazem o menino se espantar com essa primeira morte no conto, a do boi. De acordo com a descrição do narrador, Azarias tentava encontrar uma explicação para o fato, ao mesmo tempo em que pensava nas qualidades do animal:

O espanto não cabia em Azarias, o pequeno pastor. Ainda há um instante ele admirava o grande boi malhado, chamado de Mabata-bata. O bicho pastava mais vagaroso que a preguiça. Era o maior da manada, régulo da chifraria, e estava destinado como prenda de lobolo do tio Raul, dono da criação. (COUTO, 2013, p. 11)

Mabata-bata, como descrito, seria uma prenda de lobolo³, portanto, o boi precisava de grandes cuidados por se tratar de um presente que o tio Raul gostaria de entregar à sua noiva.

O primeiro pensamento é que foi um relâmpago, mas não teria como, já que não havia nuvens no céu: “mas relâmpago não podia. O céu estava liso, azul sem mancha. De onde sairia o raio? Ou foi a terra que relampejou?” (COUTO, 2013, p. 11). Dentro da linha de raciocínio imaginário de Azarias, o narrador apresenta como ele começa a procurar as causas para essa explosão e, não encontrando algo real, recorre ao seu imaginário cultural, atribuindo a culpa da morte do boi ao ndlati, a ave do relâmpago.

Talvez o ndlati, a ave do relâmpago, ainda rodasse os céus. Apontou os olhos na montanha em frente. A morada do ndlati era ali, onde se juntam os todos rios para nascerem da mesma vontade da água. O ndlati vive nas suas quatro cores escondidas e só se destapa quando as nuvens rugem na rouquidão do céu. É então que o ndlati sobe aos céus, enlouquecido. Nas alturas se veste de chamas, e lança o seu voa incendiado sobre os seres da terra. Às vezes atira-se no chão, buracando-o. Fica na cova e aí deita a sua urina. (COUTO, 2013, p.12).

Acreditamos que essa seja a primeira tentativa de Azarias de fugir da realidade triste e desfavorecida que é a sua vida, buscando solução nas lendas e mitos moçambicanos.

Mesmo que o seu imaginário tente encontrar uma causa, Azarias lembra das durezas que enfrenta na fazenda e a preocupação com a reação do tio sobre a morte do boi volta a lhe assombrar, pois o tio não acreditaria quando o menino contasse sobre o ndlati, pois o tio acreditava em situações reais e lógicas e a missão de Azarias era manter o boi vivo bem alimentado:

Mas quem podia acreditar? O tio, não. Havia de querer ver o boi falecido, ao menos ser apresentado uma prova do desastre. Já conhecia bois relampejados: ficavam corpos queimados, cinzas arrumadas a lembrar o corpo. O fogo mastiga, não engole de uma só vez, conforme sucedeu-se. (COUTO, 2013, p.12)

³ Pode ser entendido como um casamento costumeiro e recorrente no Sul de Moçambique, uma prática tradicional que envolve o kulovola (significa dar bens à família da noiva para realizar uma união reconhecida entre os parentes do noivo e os parentes da noiva). (FERNANDES, 2018, p. 1, grifo do autor)

Ao concluir que o tio não acreditaria no que havia acontecido de fato (uma explosão sem causas aparentes), ele sabia que o tio seria duro com o menino aplicando castigos dolorosos. Através da onisciência do narrador, vemos que o menino toma uma importante e triste decisão refletindo sobre a sua criação em comparação às outras crianças e realizando críticas quanto à sua própria existência.

Havia uma só solução: era fugir, tentar os caminhos onde não sabia mais nada. Fugir é morrer de um lugar e ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus tratos, atrás dos bois. Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho. [...] Brincar era só com os animais: nadar o rio na boleia do rabo do Mabata-bata, apostar nas brigas dos mais fortes. (COUTO, 2013, p.12-13).

Esta reflexão negativa sobre a sua existência e a sua condição de abandono pela família e país em que vive, nos fez refletir sobre a afirmação do teórico Bettelheim (2017) de que o maior medo de uma criança é o abandono.

Não há maior ameaça na vida do que a de que seremos abandonados, deixados completamente sós. A psicanálise denominou isso – o maior medo do homem – angústia de separação; e quanto mais novos somos, mais excruciante é nossa angústia quando nos sentimos abandonados, pois a criança pequena efetivamente perece quando não é adequadamente protegida e cuidada. (BETTELHEIM, 2017, p.207).

Ainda refletindo sobre o excerto da fuga do menino, entendemos que morrer é um refúgio para compensar o passado triste, a orfandade e toda a exploração infantil física e psicológica sofrida. Os seus desejos podem ser conquistados nesse novo caminho que julga ser o melhor e único, como ir à escola, por exemplo. Esse “novo” vem em decorrência do passado, mas altera o presente, onde a criança vai deixar de ser dominada, ou pelo menos é o que se espera com essa “morte”.

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia de novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente (BHABHA, 1998, p. 27).

Também compreendemos, através desta passagem do pensamento de Azarias, que a violência e a exploração infantil se tratam de acontecimentos recorrentes na vida

de Azarias, assim como pode retratar a vida de muitos “Azarias” que vivem em Moçambique, já que de acordo com o Jornal RFI, “o trabalho infantil é uma triste realidade em Moçambique. Mais de quatro milhões de crianças moçambicanas estão a ser exploradas como mão de obra infantil” (RFI, 2017).

Além disso, vemos na fala do narrador como há o sentimento de exilado pelo Azarias, uma vez que “os exilados olham para os não-exilados com ressentimento. Sentem que eles pertencem a seu meio, ao passo que um exilado está sempre deslocado” (SAID, 2003, p.49). Azarias critica o fato de “os outros” poderem ir à escola e ele não, que tem que acordar cedo para o trabalho na companhia dos animais, apenas.

Buscamos alguns estudos para melhor compreensão sobre o porquê de a exploração e o trabalho infantil ainda ocorrerem não só em Moçambique, mas no mundo, e o resultado mostrou vários motivos. No entanto, de acordo com um estudo elaborado por Manhice (2016)

quando analisadas as questões que levam a criança a trabalhar, as respostas dos educadores são diversificadas, e vão desde que a criança trabalha para aumentar as receitas (31,7%); para ajudar a família (50%); para pagar dívida familiar (0,2%); por falta de lugar na escola (0,7%) e por falta de dinheiro para pagar a escola (3,3%). (MANHICE, 2016, p.78)

Também foi notado pela passagem, que o fato de Azarias não ser filho e ser um órfão, pode indicar um sentimento de exilado, e entendemos por exilados que são aqueles que “estão separados das raízes, da terra natal, do passado” (SAID, 2003, p. 48) e, embora o menino se encontre em sua terra natal, não se encontra com a sua família natal, suas raízes (os pais e irmã(o)(s)). Dessa forma, uma vez que é órfão de família, não pode ter os mesmos direitos básicos que um filho tem como brincar com outras crianças e ter uma família a quem recorrer nos momentos difíceis.

E seguindo a leitura, percebemos como o direito de ir à escola é negado a Azarias conscientemente e mais de uma vez. O narrador já havia nos apresentado alguns dos motivos de fuga do menino que também era por não ter o direito à escola e, vemos novamente essa negativa quando o menino faz o pedido ao tio como condição para sair de seu esconderijo. O narrador onisciente revela que o aceite do tio se tratava de uma mentira:

- Fala lá o seu pedido.
- Tio: próximo ano posso ir na escola?
- Já adivinhava. Nem pensar. Autorizar a escola era ficar sem guia para os bois. Mas o momento pedia fingimento e ele falou de costas para o pensamento:
- Vais, vais. (COUTO, 2013, p.16).

Novamente o tio Raul trabalha com o psicológico da criança, com a finalidade de iludi-lo para conseguir o que almejava. A inocência da criança, por sua vez, aparece novamente para mostrar como a mentira se alimenta da pureza infantil.

Através destes excertos apresentados, percebemos como o tio zomba, animaliza e reifica o pequeno Azarias e os demais adultos não o impedem, ao contrário, dão ouvidos e voz para tudo o que tio diz de maldoso sobre a criança.

Por conta disso, concluímos que houve uma equiparação entre o animal Mabatabata e Azarias já que ambos possuem o mesmo fim por culpa de minas explosivas deixadas por soldados. A única diferença clara é que o animal era mais valioso para os familiares do que a própria criança, pois com a morte do boi “os ossos eram moedas espalhadas” (COUTO, 2013, p.11), ou seja, o boi era símbolo de dinheiro e lucro, ao passo que a criança não passava de uma mão de obra gratuita.

Além destes aspectos semifamiliares, notamos que a violência que norteia o conto não está somente nas atitudes do tio para com o sobrinho, mas também está representada em formato de minas que acarretam nas mortes da narrativa.

Embora Azarias não soubesse o que sucedeu com o boi e resolve fugir, o tio Raul logo sabe do ocorrido da explosão com a explicação de soldados que chegam ao local.

- De repente, alguém bateu à porta. Raul levantou-se interrogando os olhos da avó Carolina. Abriu a porta: eram os soldados, três.
- Boa noite, precisam alguma coisa?
- Boa noite. Vimos comunicar o acontecimento: rebentou uma mina esta tarde. Foi um boi que pisou. Agora, esse boi, pertencia daqui.
- Outro soldado acrescentou:
- Queremos saber onde está o pastor dele.
- O pastor estamos à espera – respondeu Raul. E vociferou: - malditos bandos!
- Quando chegar queremos falar com ele, saber como foi sucedido. É bom ninguém sair na parte da montanha. Os bandidos andaram espalhar minas nesse lado. (COUTO, 2013, p.13-14).

A figuração da instalação de minas pelo pasto, representa a violência que as guerras perpetuaram nas memórias de Moçambique. Pois, dentro do contexto da Guerra Fria (1947-1991), houve outras guerras “secundárias” como a Guerra Civil Angolana

(1975-2002) e a Guerra de Independência de Moçambique (1964-1974). E mesmo com tantas guerras no país, dois anos após a Guerra de Independência de Moçambique, houve a Guerra Civil de Moçambique que iniciou em 1976 e só findou em 1992 (DANTAS s/a).

Figura 3 – Guerra Civil de Moçambique



Fonte: Fundação Mario Soares (2021)

Entre as guerras de Independência e Civil de Moçambique muitas minas foram distribuídas pelo exército e guerrilheiros a fim de vencer o combate. E mesmo que a última guerra tenha terminado em 1992, a desminagem só teve fim em 2015, de acordo com a manchete do Jornal DW, “Moçambique está oficialmente livre de minas antipessoais” (Jornal DW, 2015).

Ainda de acordo com o site Jusbrasil (2010), muitas pessoas foram vítimas das minas espalhadas pela zona rural de Moçambique e, até a publicação dessa notícia, pelos menos 60 animais já haviam sido mortos por pisar nelas, em Maputo. Houve muitos Mabata-batas e Azarias que pisaram em minas, mas em alguns casos, eles não tiveram o mesmo fim trágico dos personagens:

As vítimas sempre são pegas de surpresa, sem ter como se defender. Estava atrás de um boi que havia fugido, quando o chão explodiu, diz Carlito Macinga, vaqueiro de 28 anos que perdeu a perna ao pisar em uma mina terrestre em Moamba, área rural próxima a Maputo, capital moçambicana. Nem vi o que aconteceu. (JUSBRASIL, 2010).

Através desse caso descrito entendemos que, embora os moçambicanos soubessem das minas espalhadas, eles não conseguiam precisar onde, exatamente, elas estavam, por isso andavam ou corriam “pela sorte”. Conhecimento esse, que o pequeno Azarias não possuía.

Afinal, depois do “acordo” entre o tio Raul e Azarias, “o pequeno pastor saiu da sombra e correu o areal onde o rio dava passagem” (COUTO, 2013, p. 16) e com toda a inocência de uma criança, correu sem olhar onde pisava até que “de súbito, deflagrou um clarão, parecia o meio-dia da noite” (COUTO, 2013, p. 16).

Nessa parte final do conto, observamos como a morte de Azarias foi narrada utilizando a imaginação da criança para haver essa passagem da vida para a morte com a presença de uma ave do trovão, nos indicando que se trata, também, de uma passagem maravilhosa segundo a teoria de Todorov (2003), em seu livro *Introdução à Literatura Fantástica*, que define o maravilhoso através dos contos de fadas e lendas, pois ao lermos as obras, muitas situações “estranhas” não nos causam estranheza e, ao contrário, nos justificam e ajudam na nossa interpretação pessoal:

Relaciona-se geralmente o gênero maravilhoso ao do conto de fadas; de fato, o conto de fadas não é senão uma das variedades do maravilhoso e os acontecimentos sobrenaturais aí não provocam qualquer surpresa: nem o sono de cem anos, nem o lobo que fala, nem os dons mágicos das fadas. (TODOROV, 2003, p. 60)

Portanto, o maravilhoso nos ajuda a compreender a realidade universal através do imaginário dos personagens, e os acontecimentos sobrenaturais que poderiam nos causar espanto são sempre explicados previamente e, por isso, não nos causam pavor ao finalizar a leitura pois o conto estabelece o pacto ficcional com os leitores.

Para além da satisfação, da curiosidade, de todas as emoções, que nos dão as narrativas, os contos e as lendas, para além da necessidade de distrair, de esquecer, de buscar sensações agradáveis ou terríficas, a finalidade real da viagem maravilhosa é, já estamos em condições de compreendê-lo, a exploração mais total da realidade universal. (MABILLE apud TODOROV, 2003, p.63)

Logo após a morte do boi, o narrador introduz os pensamentos do menino Azarias e temos uma breve descrição da ave do trovão *Ndlati*, foi estabelecido, então, o pacto

ficcional entre o conto e nós leitores sobre a presença de uma ave exótica. Indicamos aqui como um momento maravilhoso, segundo Todorov, e que retorna ao final, pois o relato da morte da criança é apresentado da seguinte forma:

O pequeno pastor engoliu aquele todo vermelho, era o grito do fogo estourando. Nas migalhas da noite viu descer o ndlati, a ave do relâmpago. Quis gritar:

- *Vens pousar quem, ndlati?*

Mas nada não falou. Não era o rio que afundava suas palavras: era um fruto vazando de ouvidos, dores e cores. Em volta tudo fechava, mesmo o rio suicidava sua água, o mundo embrulhava o chão nos fumos brancos.

- *Vens pousar a avó, coitada, tão boa? Ou preferes no tio, afinal das contas, arrependido e prometente como o pai verdadeiro que morreu-me?*

E antes que a ave do fogo decidisse Azarias correu e abraçou-a na viagem da sua chama. (COUTO, 2013, p.16, grifos do autor).

Com a leitura desse excerto, recorreremos ao Todorov para entender como o maravilhoso se aplicaria aqui e constatamos que se trata de um maravilhoso exótico, uma vez que temos a mistura de um pássaro comum com poderes sobrenaturais como a capacidade de produzir trovões.

Narram-se aqui acontecimentos sobrenaturais sem apresentá-los como tais; supõe-se que o receptor implícito desses contos não conheça as regiões onde se desenrolam os acontecimentos; por conseguinte, não tem motivos para colocá-los em dúvida. A segunda viagem de Sindbad fornece alguns excelentes exemplos. Descreve no início o pássaro roca, de dimensões prodigiosas: ele escondia o sol. [...] Certamente este pássaro não existe para a zoologia contemporânea; [...] [A passagem] mostra, pela mistura dos elementos naturais e sobrenaturais, o caráter particular do maravilhoso exótico. A mistura só existe evidentemente para nós, leitor moderno; o narrador implícito no conto situa tudo em um mesmo nível (o do “natural”). (TODOROV, 2003, p.61-62)

Com base na teoria a que recorreremos acima, compreendemos que Azarias recorre ao seu imaginário como espécie de fuga do seu sofrimento. Para não ter de enfrentar a dor da morte, o pequeno retoma a possibilidade de haver uma ave ndlati ao redor, mas, desta vez, ele tanto a enxerga quanto se vê livre nas asas da ave, voando para as montanhas.

A partir de todos os excertos deste conto apresentados acima, constatamos que as duas mortes descritas no texto, a do boi e a do menino, se tratam de mortes violentas,

ou seja, quando um fator externo causa o falecimento. E como vimos, o fator externo das mortes violentas foram as minas espalhadas pelo território moçambicano.

Por todas estas observações, também concluímos que as mortes no conto simbolizam a morte de todos os moçambicanos em virtude das guerras e da superioridade dos colonizadores, tendo o tio Raul como representante.

4.2.2 “A menina do futuro torcido”

Já no segundo conto, em “A menina do futuro torcido”, temos um enredo que centra em um pai de família e mecânico, Joseldo Bastante, que tem um grande desejo de “subir na vida” através das habilidades que ele mesmo iria criar para a filha mais velha, a Filomeninha.

Joseldo Bastante, mecânico da pequena vila, punha nos ouvidos a solução da sua vida. Viajante que passava, carro que parava, ele aproximava e capturava as conversas. Foi assim que chegou de ouvir um destino para a sua filha mais velha, Filomeninha. (COUTO, 2013, p.107).

Assim como no conto anterior, será analisado o conto através de excertos que confirmem a hipótese de que a exploração infantil, assim como no conto anterior, é a causa da morte de Filomeninha, que também vive em contexto pós-colonial como mencionaremos mais adiante.

Iniciamos a análise com a comparação entre a criança e a animalização e objetificação, uma vez que as crianças desta narrativa precisam fazer movimentos equiparados a animais como forma de receber renda.

Durante toda uma semana, chegavam da cidade notícias de um jovem que fazia sucesso virando e revirando o corpo, igual uma cobra. O rapaz tinha sido contratado por um empresário para exhibir suas habilidades, confundir o trás para a frente. Percorria as terras e o povo corria para lhe ver. Assim, o jovem ganhou dinheiro até encher caixas, malas e panelas. Só devido das dobragens e enrolamentos da espinha e seus anexos. (COUTO, 2013, p.107).

Nesta passagem, há a apresentação de um jovem que sobrevive de se expor com o contorcionismo e que possui um empresário que dirige a agenda de contorcionismo do mesmo. Devido aos seus movimentos, o jovem é comparado com uma cobra, comparação normalmente apresentada nas literaturas europeias ao descrever os

moçambicanos para os demais ocidentais. Embora o excerto apresente como “habilidade” esses movimentos de contorcer o corpo, o menino se tornou famoso justamente por não ter uma habilidade como um “humano” e sim por agir como um animal, algo bastante diferente, peculiar e até esperado de alguém que vive em África, de acordo com as descrições dos colonizadores.

A fama do rapaz corre longas distâncias dentro da narrativa e além da comparação com a animalidade feita anteriormente, há agora uma objetificação para essa prática, onde as pessoas comparam o rapaz com um “cinto” de tantas voltas que o mesmo consegue dar no próprio corpo.

O contorcionista era citado e recitado pelos camionistas e cada um aumentava uma volta nas vantagens elásticas do rapaz. Chegaram mesmo a dizer que, numa exibição ele se amarrou no próprio corpo como se fosse um cinto. Foi preciso o empresário ajudar a desatar o nó; não fosse isso, ainda hoje o rapaz estaria cintado. (COUTO, 2013, p.107).

O empresário está sempre próximo ao rapaz, justamente para arrecadar o dinheiro com as apresentações. As mencionadas vantagens elásticas do rapaz são o que Said teoriza sobre o Outro, uma vez que o moçambicano realiza atividades diferentes aos olhos dos ocidentais, pois ele possui habilidades que o outro (Ocidente) não estão acostumados a ver cotidianamente.

Voltando para a narrativa, mesmo o contorcionismo sendo uma prática adversa e perigosa, uma vez que a mobilidade do corpo precisa ser bastante desenvolvida para realizar, o pai decide que Filomeninha precisa ser uma contorcionista e mudar o futuro dela e de toda a família, pois ele se preocupa com o futuro dos filhos e em como irá alimentá-los:

Joseldo pensou na sua vida, seus doze filhos. Onde encontraria futuro para lhes distribuir? Doze futuros, onde? E assim tomou a decisão: Filomeninha havia de ser contorcionista, apresentada e noticiada pelas estradas de muito longe. Ordenou à filha:
- A partir desse momento, vais treinar curvar-se, levar a cabeça até no chão e vice-versa. (COUTO, 2013, p.107-108).

Compreendemos que a presença da exploração infantil deste conto começa nesse momento, quando o próprio pai atribui ordens à filha, que as traz várias consequências negativas com a sua saúde:

A pequena iniciou as ginásticas. Evoluía lentamente para o gosto do pai. Para acelerar os preparos, Joseldo Bastante trouxe da oficina um daqueles enormes bidões de gasolina. À noite amarrava a filha ao bidão para que as costas dela ficassem noivas da curva do recipiente. De manhã, regava-a com água quente quando ela ainda estava a despertar:

- Essa água é para os seus ossos ficarem moles, daptáveis. (COUTO, 2013, p.108).

Essa exploração não remunerada do pai, causa um enorme sofrimento para a criança, embora o pai não consiga perceber, obcecado pelo seu sonho de sair da pobreza com um possível sucesso da filha. Quando a filha tenta reclamar de dores, é silenciada a todo momento por Joseldo que insiste que a menina quer “ganhar sem trabalhar”, culpando-a pela lentidão da aquisição da nova habilidade contorcionista, sem notar que os métodos praticados de sua autoria é que são ineficazes.

Quando retiravam das cordas, a menina estava toda torcida para trás, o sangue articulado, ossos desencontrados. Queixava-se de dores e sofria de tonturas.

- Você não pode querer a riqueza sem os sacrifícios – respondia o pai. (COUTO, 2013, p.108).

Ser criança, menina e negra coloca a Filomeninha em uma posição muito mais difícil de fala como teoriza Spivak, pois nos únicos momentos em que poderia expressar os seus angustiados sentimentos de dor são ofuscados pelos desejos de riqueza do pai. A criança fica inteiramente subordinada ao pai, o que a torna uma subalterna sem o poder da própria fala, pois quando tenta, ainda é culpabilizada por não tentar mais.

Pode o subalterno falar? O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da “mulher” parece ser mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras. Se, no entanto, essa formulação é deslocada do contexto do Primeiro Mundo para o contexto pós-colonial (que não é idêntico ao do Terceiro Mundo), a condição de ser “negra” ou “de cor” perde o significado persuasivo. A estratificação necessária da constituição do sujeito colonial na primeira fase do imperialismo capitalista torna a categoria “cor” inútil como um significante emancipatório. (SPIVAK, 2010, p. 85).

E, justamente por não ter o seu poder de fala, a saúde de Filomeninha começa a ficar bastante preocupante aos olhos de todos, mas para o pai tudo era suportável se realmente quisesse a riqueza, afinal “os indivíduos que pensam ou falam fora dos parâmetros do discurso dominante são definidos como loucos ou reduzidos ao emudecimento”. (BONICCI, 2009, p. 224). Dessa maneira, percebemos como o pai desconsidera qualquer fala que a menina produz, instigando-a a fazer mais e falar menos.

A ganância e desejo de uma oportunidade para a fama e dinheiro faz com que Joseldo animalize e objetifique a sua própria filha, forçando-a a realizar práticas que estão adoentando a menina. De acordo com o narrador onisciente deste conto, a menina já se assemelha a um “trapo deixado” (COUTO, 2013, p.108), equiparando-a a um objeto.

Filomeninha amarrotava a olhos vistos. Parecia um gancho já sem uso, um trapo deixado.

- Pai, estou a sentir muitas dores cá dentro. Deixa-me dormir na esteira.

- Nada, filhinha. Quando você for rica, hás-de dormir até de colchão. Aqui em casa todos vamos deitar bem, cada qual no colchão dele. Vai ver que só acordamos na parte da tarde, depois dos morcegos desapegarem. (COUTO, 2013, p. 108).

Vemos, também, que, a partir desses discursos proferidos pelo pai, há fortes abusos psicológicos baseados no seu desespero, mas o mesmo culpa a própria filha como se as suas fraquezas fossem dolosas e a menina não almejasse a riqueza como a família.

Mesmo com o tempo passando e o empresário não aparecendo, o pai está convicto de que muito em breve a família poderá mudar de vida e, por isso, continua submetendo a menina a uma exploração infantil física e psicológica absurda, a ponto de não perceber que está causando a própria morte da menina.

Enquanto isso, Filomeninha piorava. Quase não andava. Começou a sofrer de vômitos. Parecia que queria deitar o corpo pela boca. O pai avisou-lhe que deixasse essas fraquezas:

- Se o empresário chegar não pode-lhe encontrar da maneira como assim. Você deve ser contorcionista e não vomitista. (COUTO, 2013, p.109).

Com o passar do tempo e para a alegria de Joseldo, o empresário retornou à cidade e houve a necessidade de correr ajeitar a menina com a esposa e arrumar o dinheiro do transporte. Por falta de roupas para Filomeninha, “puseram a menina de pé e meteram-

lhe o vestido da mãe. Largo e comprido, via-se que as medidas não condiziam” (COUTO, 2013, p.109).

O trato era para deixá-la apresentável ao empresário que, de acordo com os sonhos do pai, iria contratá-la assim que a visse e eles mudariam de vida completamente. Para o pai, enquanto os outros esperavam da sorte, ele fazia acontecer:

No comboio, o mecânico satisfez-se de pensamentos: um fruto não se colhe às pressas. Leva seu tempo, de verde-amargo até maduro-doce. Se tivesse procurado a solução, como outros queriam, teria perdido esta saída. Orgulhoso, respondia aos apressados: esperar não é a mesma coisa que ficar à espera. (COUTO, 2013, p.110).

O sentimento de orgulho de Joseldo o fazia ter vários pensamentos gloriosos com o futuro que estava a caminho. O mecânico estava convicto de que tudo daria certo assim que encontrasse o empresário. E como o seu desespero de mudar de vida era tão grande, como vimos no excerto acima, ele ignorou todos os sinais de adoecimento da filha, que ele mesmo provocou.

Olhou a menina e viu que ela estremecia. Perguntou-lhe. Filomeninha queixou-se do frio.
 - Qual frio? Com todo esse calor, onde está o frio?
 E procurou o frio como se a temperatura tivesse corpo e lhe tocasse num arpejo dos olhos.
 - Deixa, filhinha. Quando começar entrar fumo, isto já vai aquecer.
 Mas as tremuras da menina aumentavam sempre até serem mais que o balanço do comboio. Nem o vestido largo escondia os estremecções. O pai tirou o casaco e colocou-o sobre os ombros de Filomena.
 - Agora veja se para de tremer que ainda me descose o casaco todo. [...]
 O mecânico arrastava a filha, tropeçando nela
 - Filomena, fica direita. Não-de dizer que lhe levo até no hospital.
 (COUTO, 2013, p.110).

Podemos observar que para Joseldo, todos os sintomas que a menina apresentou durante o tempo, poderia ser falta de incentivo uma vez que, todas as reclamações que haviam (e quando haviam, pois lemos como a menina sofreu bastante em silêncio, também) ele as rebatia com os seus sonhos de glória e fama, que a alegria viria depois do sofrimento. E, ainda segundo Spivak (2010) “o lugar duvidoso do livre-arbítrio do sujeito sexuado constituído como mulher foi apagado com sucesso” (SPIVAK, 2010, p.106). Ou seja, o fato de ser criança e ser do gênero feminino, fez com que a menina fosse reduzida a completo silêncio que causa a sua morte, como veremos mais adiante.

A primeira morte que se constatou ao ler esse conto foi a morte da esperança do pai ao conseguir contato com o empresário quando chega na cidade. Pois, durante a narrativa, o sonho de ser rico e deixar a vida de pobreza para trás é tão grande que em nenhum momento ele cogita a possibilidade de não atingir o seu objetivo:

O empresário recebeu-os só no fim do dia. Respondeu sem muitos quês.
 - Não me interessa.
 - Mas, senhor empresário...
 - Não vale a pena perder tempo. Não quero. O contorcionismo já está visto, não provoca sensação. (COUTO, 2013, p.111).

O fato de o empresário deixá-los esperando o dia todo e depois simplesmente negar a aparição da menina, reforça a questão de superioridade entre classes. Para o empresário, aquilo era “perder tempo” porque o seu tempo tem valor, diferente daquele pai desesperado em busca de um futuro, que podia ficar o dia todo esperando já que ele não tinha nada a mais para fazer.

Percebe-se, de fato, um discurso etnocêntrico repressivo que legitima o controle europeu sobre o Oriente através do estabelecimento de um *construto* negativo. A esperteza, o ócio, a irracionalidade, a rudeza, a sensualidade, a crueldade, entre outros, formam esse construto, em oposição a outro construto, positivo e superior (racional, democrático, progressivo, civilizado, etc.), defendido e difundido pela cultura ocidental. (BONICCI, 2009, p. 225)

Assim, percebemos como “à medida que nos afastamos do mundo do Atlântico, a cena se torna mais terrível e lastimável: multidões sem esperança, a miséria das pessoas ‘sem documentos’ subitamente perdidas, sem uma história pra contar” (SAID, 2003, p.47), como é o caso de Joseldo Bastante defronte ao empresário.

Além dessa superioridade de classes, vemos novamente como a supremacia branca e com a posição elevada (colonizador) coisifica e animaliza os negros ao chamá-los de “tipos” com o seu racismo e preconceito, já que

o racismo foi construído como justificativa para consolidação do poder hegemônico dos europeus na África, América e Ásia, deixando assim um rastro de destruição e desigualdade racial em diferentes partes do planeta. (XAVIER; MOTTA, 2018, p.39).

enquanto que aqueles quem sofrem essas calúnias, por sua vez, não conseguem se defender, como ocorre no excerto seguinte:

- A única coisa que me interessa agora são esses tipos com dentes de aço. Uma dessas dentaduras que vocês às vezes têm, capazes de roer madeira e mastigar pregos.

Joseldo sorriu, envergonhado, e desculpou-se de não poder servir:

- Sou mecânico, mais nada. Parafusos mexo com a mão, não com os dentes. Despediram-se. O empresário ficou sentado na grande cadeira achando graça àquela menina tão magra dentro de vestido alheio. (COUTO, 2013, p.111).

A graça que o empresário acha ao ver a menina doente, consolida o fato de que os negros e, nesse caso, o outro é visto pelos colonizadores como um subalterno, exótico, um ser desumanizado e coisificado. O fato de a menina ser uma criança e que está visivelmente doente não muda essa visão do empresário.

O pai, por outro lado, “rala com o destino” (COUTO, 2013) e se zanga com o empresário por motivo aleatório ao de sua filha, pois ele entende que antes queriam o contorcionismo e, em seguida, querem dentes fortes. Mas, como um eterno otimista, ele tenta ver a fala do empresário por outro ângulo, tentando reanimar a esperança de ser rico que já havia morrido:

De súbito, um brilho acendeu-lhe o rosto. Segurando a mão da filha, perguntou sem a olhar:

- É verdade, Filomena: você tem dentes fortes! Não é isso que diz a sua mãe? (COUTO, 2013, p.111).

E enquanto Joseldo está, novamente, pensando em como pode tirar a sua família da miséria, em momento algum lhe vem o pensamento sobre a sua filha, a não ser que será ela quem irá conseguir tirá-los da pobreza. Mas todos os seus sonhos, colocados em prática de maneira agressiva em uma espécie de exploração infantil à sua filha chegam ao fim com a morte da menina.

E como não tivesse resposta, abanou o braço da criança. Foi então que o corpo de Filomeninha tombou, torcido e sem peso, no colo de seu pai. (COUTO, 2013, p.112)

Através desta última passagem de “A menina do futuro torcido”, é confirmada a morte de mais uma criança, mais um futuro interrompido devido a exploração infantil em Moçambique. O pai durante todo o conto age como um “colonizador” com a sua

filha, objetificando e animalizando-a além de explorar as forças e condições físicas da menina.

Comparando ao conto anterior, neste também se observou a morte provocada a uma criança. Em ambos os contos, as crianças foram as minorias e subalternas, crianças que foram privadas de suas infâncias e sonhos, reduzidas ao emudecimento e proibidas de desfrutar de uma longa vida adulta.

4.3 A morte da infância, por Couto

Neste tópico, trataremos da morte **da** infância, que é quando a criança não morre, mas há a morte da sua infância. Assim, a criança não sente que possui mais a sua infância e a única coisa que define uma “infância” é a sua pouca idade.

Nos contos analisados anteriormente, foi possível constatar a morte infantil ou a morte dos personagens infantis, pois as crianças já não tinham mais infância, não brincavam ou aproveitavam o seu tempo de inocência. A morte do corpo foi só uma afirmação dessa ausência de infância e de criança dentro do contexto inserido.

Contudo, no conto a ser analisado a seguir, “O rio das quatro luzes”, será possível discorrer sobre como pudemos encontrar uma morte da infância, sem a morte do corpo de uma criança. Diferente das outras diegeses, a criança que há neste conto tem plena consciência do que é a morte e como anseia por ela.

4.3.1 “O rio das quatro luzes”

A leitura desta narrativa se torna pesada pela temática e como ela é tratada, pois, como dito no decorrer do trabalho, as pessoas não conseguem assimilar quando se trata desses dois assuntos bastante fortes como criança e morte juntos.

Semelhante à estória de Azarias, este conto já inicia com uma morte, mas é de um desconhecido, e o personagem principal, uma criança cujo o nome não é revelado, e a sua mãe se encontram presentes no velório deste personagem desconhecido.

Refletimos sobre a ausência de um nome para a criança que está acompanhada de sua mãe no funeral. Aparenta que a ideia do Outro como Said aponta ou o rude como

Bonicci cita é aplicado aqui, visto que os Outros nunca são conhecidos pelos nomes e sim pelas suas estranhezas em comparação ao Ocidente.

Uma outra linha de raciocínio também pode ser aplicada, considerando que o menino pode ser a representação de um país todo, Moçambique, uma vez que todos do país não são vistos como portadores de uma identidade própria e sim colonizados a serem explorados, ideia que tentaremos abordar mais à frente.

Voltando para a análise de toda a narrativa, quando o menino compreendeu como funcionava a dinâmica para o enterro, a criança e personagem principal – que não possui um nome – expressa o seu desejo de fazer parte daquela situação, pelo outro lado, sendo o próprio o morto: “Vendo passar o cortejo fúnebre, o menino falou: - *Mãe: eu também quero ir em caixa daquelas.* (COUTO, 2013, p.129)”.

Inicialmente, parece ser um pedido inconsciente e inocente do personagem. Pois, quando ele diz que quer ir em um caixão, ele não diz, necessariamente, que gostaria de estar morto. Contudo, a mãe fica bastante aflita e surpresa com o comentário.

A alma da mãe, na mão do miúdo, estremeceu. O menino sentiu esse arrepio, como descarga da alma na corrente do corpo. A mãe puxou-o pelo braço, em repreensão.

- *Não fale nunca mais isso.*

Um esticão enfatizava cada palavra.

- *Porquê, mãe? Eu só queria ir a enterrar como aquele falecido.*

- *Viu? Já está a falar outra vez?*

Ele sentiu a angústia em sua mãe já vertida em lágrima. Calou-se, guardando em si. (COUTO, 2013, p.129)

A partir desse excerto, já compreendemos que a criança tem noção do que está falando, uma vez que enfatiza o seu desejo “como aquele falecido”. A aflição da mãe com aquelas palavras é perceptível, visto que ela repreende o menino com um discurso e ainda alguns esticões.

Devida a esta atitude, entendemos que há afeto por parte da mãe para com o seu filho, diferente até agora dos demais contos em que não era possível ler sobre amor e carinho concedido às crianças por parte dos adultos presentes nas histórias.

Este conto continua se diferenciando dos demais já realizados as análises, uma vez que essa demonstração de afeto também se estende ao pai da criança. Lemos, portanto, que inicialmente há uma família amorosa e afetuosa com o seu filho, pois a mãe conversa

com o pai sobre a fala do menino, que também procura saber o motivo desse sentimento do garoto:

À noite, o pai foi visitá-lo na penumbra do quarto. O menino suspeitou: nunca o pai lhe dirigia um pensamento. O homem avançou uma tosse solene, anunciando a seriedade do assunto. Que a mãe lhe informara sobre seus soturnos comentários no funeral. Que se passava afinal? (COUTO, 2013, p. 129)

De acordo com a passagem, o pai não conversa muito com o menino já que ele “nunca dirigia um pensamento” (COUTO, 2013, p.129) ao garoto. Mas o fato de a mãe conversar com o pai sobre o discurso do menino e ele se dirigir até o garoto buscando saber o motivo, mostra que temos aqui uma criança personagem com mais oportunidades de fala do que as demais já analisadas.

Em comparação às análises já realizadas, as crianças dos contos anteriores eram super exploradas pelos seus familiares – Azarias pelo seu tio e Filomeninha pelo seu pai – e também não havia conversa ou afeto com eles, pois tinham apenas que gerar alguma renda para agregar e até “pagar” a sua existência dentro da família. Assim, as crianças já não eram mais crianças, pois não exerciam as funções de uma criança como brincar ou ir à escola, o serviço era obrigatório e demandava a dedicação exclusiva do tempo das crianças.

Já em “O rio das quatro luzes”, não é apresentado o menino em condições de trabalho e exploração infantil, muito embora o narrador nos apresente condições de ausência de infância que a criança possui.

Baseado no discurso que o narrador aplica sobre o sentimento da criança ao ver aquele funeral: “[...] Ainda olhou o desfile com inveja. Ter alguém assim que chore por nós, quanto vale uma tristeza dessas?” (COUTO, 2013, p. 129), implica que a criança, além de não ter um nome, também não é lembrada ou notada.

O fato de o menino não possuir um nome remete à uma percepção de ‘não existência’, de uma morte da sua própria infância, uma vez que é criança e viva, mas ela não sente mais vontade de ser uma. Aplicamos a hipótese de que se trata de uma criança que vive um exílio interno, conforme Said teoriza, que não enxerga mais a necessidade de sua existência e, diferente do exílio comum, esta acredita que a única solução é a morte como fuga.

Moçambique também buscou por uma fuga da cultura europeia instalada em seu país com a presença dos colonizadores portugueses, e essa fuga se deu principalmente com a sua Guerra da Independência. Entendemos que a ausência de identidade do menino simboliza a ausência da identidade de um país que faz reflexões sobre a morte de um país todo com o objetivo de não viver mais na cultura e pela cultura do outro (Ocidente).

Outra crítica social constatada pela passagem acima é do sentimento de falta que as pessoas sentem, apenas quando alguém falece. Pois, quando se está vivo, o que é feito para celebrar essa vida?

Buscando uma resposta para esse pensamento do garoto, o pai obteve a seguinte: “quero envelhecer rápido, pai. Ficar mais velho que o senhor” (COUTO, 2013, p.130). Com essa afirmação, compreendemos que o personagem realmente não quer mais ser criança e nem continuar vivendo e os motivos para esse posicionamento seguem a seguir, sendo críticas muito mais duramente pensadas e organizadas que o narrador traz:

Que valia ser criança se lhe faltava a infância? Este mundo não estava para meninices. Porque nos fazem com esta idade, tão pequenos, se a vida aparece sempre adiada para outras idades, outras vidas? Deviam-nos fazer já graúdos, ensinados a sonhar com conta medida. Mesmo o pai passava a vida louvando a sua infância, seu tempo de maravilhas. Se foi para lhe roubar a fonte desse tempo, porque razão o deixaram beber dessa água? (COUTO, 2013, p.130).

As críticas são diretamente para os sonhos das crianças, quando todos ensinam que é importante imaginar, acreditar que tudo pode, principalmente se a criança quiser, mas como se “lhe faltava a infância” e as aventuras de uma criança? De acordo com o narrador, no lugar em que esse personagem se encontra, não há espaço para os sonhos, para um futuro melhor com regalias e/ou excessos, e sim uma vida já com a “conta medida”, no limite.

O fato é que “este mundo não estava para meninices” e essa frase lembra os contos anteriores, quando não se pode ser criança quando se precisa trabalhar arduamente e ajudar financeiramente a sua família. Como ser criança em um lugar onde não há brincadeiras? Como ser criança quando se deve comportar (e inclusive obter responsabilidades) como um pequeno adulto?

Vagando por estas perguntas, concluímos que a criança personagem tem a plena noção do lugar e o contexto em que vive. Como a criança vive em uma região pós-colonial e palco de guerras bastante recentes, estar inserido em um grupo de subalternos e emudecidos é uma experiência que só a morte pode lhe libertar e, é por isso que “é exatamente a experiência de supressão de sua cultura e da eliminação de suas identidades que integra o conteúdo das narrativas de povos pós-coloniais.” (BONICCI, 2005, p.11).

Depois que o pai o indaga do motivo de não querer mais ser criança e ele apenas responde que quer ficar mais velho logo, também observamos reflexões bastante pertinentes para os adultos que o narrador apresenta, pois há o julgamento sobre o valor da vida e o quanto e pelo quê vale a pena viver, dentro desta narrativa de colonizado.

Tentando responder a essas perguntas implícitas, o pai retorna a resposta com uma justificativa divina para a vida e que ela deve ser respeitada. Mas o menino novamente enfatiza não querer mais aquela vida:

- Meu filho, você tem que gostar de viver, Deus nos deu esse milagre. Faça de conta que é uma prenda, a vida.

Mas ele não gostava dessa prenda. Não seria que Deus lhe podia dar outra, diferente?

- Não diga isso, Deus lhe castiga.

E a conversa não teve mais diálogo. Fechou-se sob a ameaça de punição divina. (COUTO, 2013, p.130).

Diferente das outras narrativas, esse menino possui mais espaços de fala para expor o que sente em relação ao universo em que vive, mas, igualmente às demais crianças, este também é reduzido ao silêncio por não promover falas poderosas e pertinentes advindas de pessoas “importantes” ou superiores, de acordo com a teoria de Bonicci.

Na sequência da narrativa, novamente observamos que se trata de uma família um pouco mais estruturada das demais já analisadas no trabalho. Pois o menino não sente que os pais irão entender os seus desejos e, por isso, procura os conselhos do avô, apresentando uma estrutura familiar bem mais reforçada, visto que Azarias era órfão e Filomeninha deveria obedecer os mandos do pai que física e psicologicamente não lhe faziam bem.

O menino permanecia em desistência de tudo. Sem nenhum portanto nem consequência. Até que, certa vez, ele decidiu visitar seu avô. Certamente ele o escutaria com maiores paciências.

- Avô, o que é preciso para se ser morto?

- Necessita fica nu como um búzio.

- Mas eu tanta vez estou nuzinho.

- Tem que ser leve como lua.

- Mas eu já sou levinho como a ave penugenta.

- Precisa mais: precisa ficar escuro na escuridão.

- Mas eu sou tinto e retinto. Pretinho como sou, até de noite me indistinto do pirilampo avariado. (COUTO, 2013, p. 130).

Percebemos nesse excerto mais motivos pelos quais o menino não deseja mais possuir a vida que tem. Pois quando o avô diz que precisa estar nu, pela resposta do menino, interpretamos que ele não possui roupas para vestir em vários momentos de sua vida. Após, o menino afirma que é bastante leve em se tratando de peso, o que indica a extrema pobreza, já que o menino não possui roupas ou comida para engordar.

Além disso, o menino também levanta a questão do racismo, quando menciona sobre a sua cor de pele ser “tinto e retinto”, pois dentro do contexto pós-colonial os pensamentos do colonizador permanecem, uma vez que “[...] as discussões diretas ou indiretas sobre o racismo pareciam sempre tender a comprovar a superioridade das raças europeias e colocar na alteridade o resto do mundo” (BONICCI, 2009, p. 224).

Embora o conto nos apresente uma boa estrutura familiar, notamos que o mesmo ainda é permeado pela pobreza do lugar que abriga a estória. A criança é tão pobre que há a escassez até da infância. E de acordo com a fala do avô, a criança entendeu que já possuía tudo o que precisava para morrer: ser pobre e negro.

O avô percebendo que não ganharia a conversa, resolveu fazer um combinado com a criança:

Então o avô lhe propôs o negócio. As leis do tempo fariam prever que ele fosse retirado primeiro da vida. Pois ele falaria direto com Deus e requereria mui respeitosa e que se procedesse a uma troca: o miúdo falecesse no lugar do avô.

- A sério, avô? O senhor vai pedir isso por mim?

- Juro, meu filho. Eu amo demais viver. Vou pedir a Deus.

E ficou combinado e jurado. A partir daí, o menino visitava o avô com ansiedade de capuchinho vermelho. Desejava saber se o velho não estaria atacado de doença, falho no respirar, coração gaguejado. Mas o avô continuava direito e são.

- Tem rezado a Deus, avô? Tem-Lhe pedido consoante o combinado? (COUTO, 2013, p.130-131).

É possível notar como a criança fica feliz com o combinado realizado com o avô, o fato de ele saber que poderia ter o seu desejo concedido e o avô ficaria vivo no lugar dele era tão extasiante que a criança nem se deu conta de que o tempo estava passando e ele havia encontrado um motivo para alegria e, conseqüentemente, havia reascendido a sua infância.

O menino passou a fazer visitas regulares para certificar possíveis doenças no avô que, se houvessem, o avô não teria feito o combinado corretamente. E a sua satisfação era evidente ao ver que o avô estava muito bem. Portanto, além de motivos para ser criança, o menino também celebrava a vida do avô, trazendo a cultura do apreço pelos mais velhos.

De acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa Online Priberam, combinar significa

1. Fazer combinação de (várias coisas para que resulte um todo ou composto).
2. Aliar. 3. Juntar. 4. Unir. 5. Dispor. 6. Calcular. 7. Comparar. 8. Não desdizer, harmonizar-se, estar conforme. 9. Entrar em combinação. (PRIBERAM, 2021).

O ato de combinar é bastante comum entre adultos e crianças para estabelecer limites, por isso, “a palavra ‘combinado’ é usada no meio educacional e fora dele, adquirindo novos significados, mas em todos os sentidos que ela possui está sempre implícita a mensagem de concordância” (RIBEIRO, 2017, p. 20, grifos do autor).

Portanto, o avô se utilizou de uma metodologia pedagógica para resgatar a criança do seu vazio adulto e colocá-lo na inocência da infância novamente. Afinal, o combinado só daria certo se ele seguisse um conselho do avô: “ele que, entretanto, fosse menino, distraído nos brincados” (COUTO, 2013, p. 131).

Com esse extrato, compreendemos que o avô foi uma espécie de “escola humana” para o menino. Pois, além do combinado e sua regra já estabelecidos, o avô desbloqueia a imaginação da criança, aguçando a sua curiosidade e criatividade para imaginar, conforme o excerto seguinte:

E lhe contou os lugares secretos de sua infância, mostrou-lhe as grutas junto ao rio, perseguiram borboletas, adivinharam pegadas de bichos. O menino, sem saber, se iniciava nos amplos territórios da infância. (COUTO, 2013, p.131).

A iniciativa e estrutura familiar foram fundamentais para livrar o menino daquele pensamento e anseio pela morte. Pois, nesse momento da narrativa, o menino está muito mais preocupado com as suas novas descobertas do que com o seu dia de morte.

E sentindo essa mesma sensação, o avô decide que é o momento certo para repreender os pais, visto que a infância deve ser levada a sério e momentos de brincadeira não precisam acontecer somente quando se é criança, já que todos podem voltar a ser crianças uma vez ou outra durante a vida adulta.

Uma certa tarde, o avô visitou a casa dos seus filhos, sentou-se na sala e ordenou que o neto saísse. Queria falar, a sós, com os pais da criança. E o velho deu entendimento: criancice é como amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, juntarem-se miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecer ao tempo, esquivar-se do corpo e do juízo. Esse é o milagre que um filho oferece – nascermos em outras vidas. E mais nada falou. (COUTO, 2013, p.131).

Nessa passagem, através das palavras que o narrador apresenta, o avô fez duras críticas aos pais sobre as suas posturas de permanecerem com atitudes rígidas de adulto o tempo todo. Observamos, portanto, que o desejo do menino, de morrer, era porque seu espelho de vida dentro de casa era apenas o de adulto, sem brinquedos ou brincadeiras, sem colegas ou interação com pessoas de mesma idade e com assuntos do mesmo interesse.

Também acreditamos que, diferente das demais crianças analisadas, esse menino não tem a completa obrigação de impor renda dentro de casa, mas é forçado a viver somente sem as meninices, sem espaço para imaginação ou inocência. A morte dessa infância é bastante nítida já que se trata de uma criança que não vive como uma a ponto de não querer mais ser vivo, ao passo que Azarias e Filomeninha lutaram arduamente para terem as suas vidas de criança e infância poupadas.

Apesar dos esforços de viver do avô, o seu falecimento ocorre e ele deixa uma última mensagem a ser entregue ao menino: “diga a meu neto que eu menti. Nunca fiz pedido nenhum a nenhum Deus” (COUTO, 2013, p.132). Embora o avô tenha se pautado em um ser divino para realizar o combinado com o neto, ele julga que agora é o momento de contar a verdade, de que o menino precisava voltar a ser criança, sem a interferência divina.

Mas, como nas estórias de Azarias e Filomeninha em que uma morte ocorre em decorrência de outras mortes ou da exploração infantil – Azarias morre por fugir do tio que o acusaria da morte do seu melhor boi e Filomeninha morre pela exploração aplicada por seu próprio pai – aqui é a morte da infância de uma criança que ocorre em decorrência da morte das meninices, alguém que não consegue agir como criança durante a sua sobrevivência e que entende que se não vive plenamente a infância então não precisa mais viver.

Os pais nem precisaram entregar a notícia já que, longe da morte do avô, “o menino sentiu reverter-se o caudal do tempo. E os seus olhos se intemporaram em duas pedrinhas. No leito do rio se afundaram quatro luzências” (COUTO, 2013, p.132), apresentando que o menino já sentia que o avô havia morrido, uma vez que a sua própria alegria de viver também se afundou no rio. Contudo, o falecimento não é da criança e sim, novamente, o da sua infância.

Portanto, temos três contos em que, embora de maneiras diferentes, houve 2 mortes (pelo menos) em cada um deles. E todas dentro do contexto pós-colonial em que as crianças vivem sob os regimes autoritários dos pais e familiares em decorrência do sistema colonizador instaurado pelos portugueses, além da vivência em situação de exploração infantil que as crianças estavam submetidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenhamos realizado a leitura de três contos literários infanto-juvenis, constatamos que a leitura e compreensão dos mesmos vai muito além do conhecimento de mundo das crianças e adolescentes. A simbologia de todos os contos é apresentar as trincas e rachaduras deixadas pelos portugueses dentro de Moçambique.

A morte dessas crianças representadas, é a morte de milhares de crianças e adolescentes que estão inseridas nesse contexto pós-colonial com fortes representações europeias através de comportamentos superiores aplicadas às crianças pelos seus familiares, aqueles que deveriam protegê-los.

Além disso, a morte dessas crianças ocorre pela ausência de infância, pela ausência de meninices, pois ao invés de estarem frequentando o ambiente escolar ou vivendo em suas imaginações através de brincadeiras com outras crianças, elas eram crianças tratadas como pequenos adultos com grandes responsabilidades e acúmulos físicos e psicológicos promovidos pela exploração e trabalho infantil, no caso de Filomeninha, Azarias e o menino sem identidade.

Esses acúmulos de obrigações foram as consequências das mortes das crianças das narrativas apresentadas e, como foi visto, foram causadas pelos adultos (e familiares) das mesmas, que só visavam o lucro ou a criança como “ajudante” para se alcançar alguma renda, através dos esforços dos pequenos.

Concluimos, portanto, que Moçambique ainda está muito inserido em pensamentos colonizadores e, o primeiro passo para romper com essa ideologia é o combate da exploração e o trabalho infantil, pois a população precisa ser conscientizada sobre os riscos que essas obrigações trazem ao desenvolvimento físico, psicológico e humano às crianças.

E essa conscientização do país pode alcançar grandes números de pessoas, a partir da publicação de mais obras literárias moçambicanas que expõem as consequências da população quando se apropriam do pensamento europeu sobre a sua própria sociedade.

Portanto, entendemos que quando há mais obras moçambicanas em circulação pelo mundo,

os críticos pós-coloniais desenvolvem parâmetros de crítica social desvinculados de princípios filosóficos tradicionais. Criticam as epistemologias modernas fundacionistas e desmascaram a situação contingente, particular e histórica daquilo que até o passado recente era considerado como necessário, universal e a-histórico. (BONICCI, 2005, p. 56).

Dessa maneira, entendemos que a literatura pós-colonial escrita por um moçambicano traz as verdades sofridas e enfrentadas por todos os moçambicanos, ao invés de uma ficção inventada e escrita pelos olhos do colonizador. Pois de acordo com Bonicci e também Said, o outro sempre será o Outro, o exótico, o estranho, aos olhos do colonizador e, por isso, cabe aos verdadeiros donos da história – os moçambicanos – mostrar a verdade para o Ocidente e para quem mais desejar saber.

Couto tem mostrado essa verdade, visto que, pelas palavras dele “a escrita pós-colonial inverte o sistema eurocêntrico de valores e faz perceber a história e a sociedade a partir da perspectiva daquelas vozes que foram silenciadas ou excluídas” (COUTO, 2005, p. 12). E, mesmo Couto tendo a consciência da importância dessa literatura para o mundo e influenciando muitos outros escritores a expor as verdades secretas de Moçambique, por que ainda há pouca literatura infanto-juvenil que expõe a crueldade enfrentada pelas crianças neste país tão explorado pelos europeus que acarreta nas suas respectivas mortes? Pois, a morte, como discutimos no decorrer do trabalho, se trata de um assunto que a sociedade evita falar com as crianças, mas que deveria ser discutido com mais frequência, visto que a morte é a certeza de todas as pessoas, independentemente da idade.

Se mesmo com as várias tentativas de expor a exploração dos europeus para com as crianças que vivem sob o medo e ameaça das minas explosivas, além de não ter acesso às necessidades básicas de uma infância, ainda não for possível extinguir a violência e exploração infantil, não só de Moçambique, mas de todo o planeta, esperamos que este trabalho, ao menos, conscientize o leitor a repensar sobre o colonialismo e como esse fator traz mortes de crianças inocentes, e como essas mortes estão diretamente ligadas ao nosso tabu, o medo de falar sobre a morte com crianças e de crianças.

Além disso, almejamos que este estudo possa contribuir com o avanço dos estudos pós-coloniais e como a consequência do colonialismo ainda ocorre em formato de morte das crianças, que são as que mais sofrem por se tratarem de seres subalternos

e sem a possibilidade de fala para expressar os seus sentimentos. Acreditamos que o trabalho traga a reflexão de todo aquele que o ler, sobre a importância de uma infância saudável e inserida em um contexto amoroso e digno de viver, tendo a consciência de que o melhor momento de uma pessoa para se construir valores é na sua infância.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; SILVEIRA, Debora de Barros; JOVINO, Ione da Silva. Imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira dos séculos XIX e XX. **Perspectiva**, Florianópolis, v.29, n.1, p. 263-293, jan./jun. 2011

ARAUJO, Débora Oyayomi. Qual o lugar ocupado pelas personagens negras na literatura infantil brasileira? Refletindo sobre estereótipos e originalidade. **TOM Caderno de Ensaios da UFPR**, v. 3, n. 6, p. 20-42, dez. 2017.

ARAUJO, Débora Oyayomi. Literatura infantil e ancestralidade africana: o que nos contam as crianças? **Momento: diálogos em educação**, v. 28, n. 1, p. 109-126, jan./abr., 2019

AROHA, Arthur. Infância e autoritarismo: representações literárias na experiência infantil durante a ditadura militar no Brasil. **III Jornada de estudos sobre ficção histórica**. Curitiba: Pós-Graduação em Letras UFPR, 2021. (3h53m) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Cx_KvOzBZlg&t=9803s Acesso em: 25 nov 2021.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. 1914-1984. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BARTHES, Roland. **Diário de luto**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 33º ed. Tradução de Arlene Caetano. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

BIOGRAFIA de Mia Couto. Disponível em: https://www.ebiografia.com/mia_couto/ Acesso em: 25 jul 2021.

BRASIL Escola.

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/conferencia-berlim.htm> Acesso em: 25 jul 2021.

BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3º Ed. Maringá: Eduem, 2009.

BONICCI, Thomas. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

CAPOSSA, Romão. Algumas consequências da Conferência de Berlim (1884-1885) para a atual África. **Identidade!** v. 7, n. 7, p. 10-18, 2005.

CHICHAVA, José. A economia política do colonialismo português em Moçambique: uma introdução ao estudo da economia de Moçambique. **A economia política do colonialismo**. Maputo: Fevereiro de 2011.

COUTO, Mia. **A menina sem palavra** / histórias de Mia Couto. 1ª Ed. São Paulo: Boa Companhia, 2013.

“COMBINAR”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2022, Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/combinar> Acesso em: 04 mar 2022.

COMO definir a literatura africana?. Realização de Maicon Telfen e Vilto Reis. Blumenau: Literatus TV, 2015, (14 min), P&B. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ux_9DXk1sLo&t=121s Acesso em: 25 jan 2022.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Ensaio sobre a relação do homem com a morte**. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/105608/correa_mr_dr_assis.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 12 fev 2021.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução de Waltensir Dutra. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUERREIRO, Emanuel. A ideia de morte - do medo à libertação. **Revista Diacrítica, Braga**, v. 28, ed. 2, p. 169-197, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/dia/v28n2/v28n2a12> Acesso em: 15 fev 2021.

INTERNATIONAL Labour Office and United Nations Children’s Fund. Child Labour: Global estimates 2020, trends and the road forward, ILO and UNICEF, New York, 2021. License: CC BY 4.0.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. [S.l: s.n.], 1992.

MARÍN-DIAZ, Dora Lilia. Morte da Infância Moderna ou Construção da Quimera Infantil? **Educação Real**. Porto Alegre, v. 35, nº 3, p. 193-211, set./dez., 2010

MATTER, Michele Dull Sampaio Beraldo. Entre a história e a ficção: a escrita de um novo olhar em ‘Seara de vento e levantado do chão’. **Revista Conexão Letras**, v.1, n.1, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55663> Acesso em: 21 jan 2022.

MEMMI, Albert. **Retrato do descolonizado árabe-muçulmano e de alguns outros.** Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NAÇÕES Unidas News. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/06/1675931>
Acesso em: 25 jul 2021.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa:** o texto, a ficção e a narração. Tradução de Mário Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

RIBEIRO, Carlos Leite. Expedição de Vasco da Gama à Índia. **Portal Cen.**

Disponível em:

http://www.caestamosnos.org/Pesquisas_Carlos_Leite_Ribeiro/Expedicao_de_Vasco_da_Gama_a_India.html Acesso em: 15 fev 2022.

RIBEIRO, Diana Zaraya. **A prática dos combinados no processo de legitimação moral no governo da criança e na infância.** 2017. Dissertação (mestrado), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

READER'S Digest (Org.). **Os grandes exploradores de todos os tempos.** 1ªEd. Lisboa: S.A.R.L., 1980.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo.** Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** Tradução de Pedro Maia. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SENGIK, Aline Sberse; RAMOS, Flávia Brocchetto. Literatura como instrument de discussão acerca da morte. **Psicologia da Educação.** São Paulo, nº41, 2º sem. de 2015, p. 119-126., 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Can the subaltern speak? ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (org.). **The post-colonial studies reader.** London, Routledge, p. 24-28, 1995.

SUASSUNA, Ariano. **O auto da compadecida.** 11º Ed. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1975.

PORTAL TAMANDARÉ GI2. Disponível em: www.tamandare.g12.br/Aulafrica/africa_antes_da_conferencia_de_b.htm Acesso em: 28 jan 2022.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução: Maria Clara Correa Castello. 2ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2003.

TORRES, Wilma da Costa. O conceito de morte na criança. **Psicologia da Cultura**. Rio de Janeiro, p.9-34, out./dez. 1979.

VENDRUSCOLO, Juliana. Visão da Criança sobre a Morte. **Morte: Valores e Dimensões**. Ribeirão Preto: UNIP, 2005.

XAVIER, Leila da Silva; MOTTA, Stefano. A decolonialidade do corpo negro nas telas. **[SYN]THESIS**, Rio de Janeiro, v.11, nº1, p.35-43, jan./jun. 2018.

WEINHARDT, Marilene. Ficção e história: retomada de antigo diálogo. **Revista Letras**, Editora UFPR: Curitiba, nº58, p.105-120, jul./dez. 2002.

WINNICOT, Donald. **Tudo começa em casa**. Tradução de Paulo César Sandler. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

ZILBERMAN, Regina. Introduzindo a Literatura Infanto-Juvenil. **Perspectiva**. Florianópolis, nº4, p. 98-102. jan./dez. 1985.